

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

FRANCISCO DE ASSIS SOUZA DOS SANTOS

É POSSÍVEL ALIAR A PSICANÁLISE
AO ACONSELHAMENTO RELIGIOSO?

São Leopoldo - RS

2010

FRANCISCO DE ASSIS SOUZA DOS SANTOS

É POSSÍVEL ALIAR A PSICANÁLISE
AO ACONSELHAMENTO RELIGIOSO?

Dissertação de Mestrado para obtenção
do grau de Mestre em Teologia pela
Escola Superior de Teologia no Programa
de Pós-Graduação. Área de
Concentração: Teologia Prática.

Orientadora: Dra. Valburga Schmiedt Streck

São Leopoldo - RS

2010

Ficha Catalográfica

FRANCISCO DE ASSIS SOUZA DOS SANTOS

É POSSÍVEL ALIAR A PSICANÁLISE AO ACONSELHAMENTO RELIGIOSO?

Dissertação de Mestrado para obtenção
do grau de Mestre em Teologia pela
Escola Superior de Teologia no Programa
de Pós-Graduação. Área de
Concentração: Teologia Prática.

Data: 16 de Março de 2010

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – EST

Valburga Schmiedt Streck – Doutora em Teologia – EST

Marcos Antonio Farias de Azevedo – Doutor em Teologia – PUC

Agradecimentos

À minha família pela paciência em procurar entender minhas ausências, mesmo estando presente; Letícia, Derick e Lissa, vocês sempre serão um estímulo para minha caminhada;

À minha orientadora, Dra. Valburga Schmiedt Streck, pela condução de todo o processo que me permitiu terminar este trabalho;

À Faculdade Unida de Vitória - ES, pela oportunidade de estudo e auxílio financeiro durante o tempo de estudos;

Ao diretor da Faculdade Unida de Vitória, Wanderley Rosa, pelo estímulo, companheirismo e toda ajuda possível;

Ao Dr. Marcos Antonio Farias de Azevedo, pela generosidade que torna o cristianismo exequível e real;

Aos distintos membros da banca examinadora, pela atenção e disponibilidade em prestar esse serviço;

À secretária acadêmica da Pós-Graduação, Lorrany Favaro, pela dedicação e gentileza em servir com carinho e rapidez;

À ICNV – Igreja Cristã Novidade de Vida, de Vitória – ES, pelo apoio e por acreditar que eu daria conta de tudo. Irmãos fiéis, vocês estarão para sempre comigo;

Ao companheiro, amigo e irmão Herbert Farias, a quem não tenho como agradecer em palavras por tudo que fez por mim e por me socorrer nos momentos mais difíceis. Você realmente vale muito para mim;

A você, Flávio Augusto, por seu apoio seguro nos momentos em que a vida se apresentava sem perspectivas e os horizontes se mostravam sombrios demais. Você fez e faz diferença;

E a todos que torceram por mim. Inclusive você. Meu muito obrigado de coração!

Dedicatória

Gostaria de prestar uma homenagem nada póstuma ao professor da disciplina que intitulei "tranquila e sem medo", André Pinheiro Taets. Ele foi embora no dia 19 de junho de 2008, pois não havia mais nada que a medicina pudesse fazer.

Aprendi com meu professor precoce, de apenas 18 anos, que "tranquilidade sem medo" é saber viver o tempo que se tem, e que para demonstrar o sentimento mais nobre que os humanos buscam, ao longo de sua existência histórica, muitas vezes o silêncio e o olhar tranquilo e sem medo são dinamizadores de uma mudança radical para o resto da vida de cada um.

Também aprendi que ir embora talvez seja estar perto para sempre, num lugar seguro, onde ninguém possa ameaçar, ou condição alguma consiga abalar. Jamais me esquecerei de que ele, tocando seu violão, ele fazia o som celestial tornar-se tão concreto que o dono do Céu precisou de seu talento mais próximo Dele e eternamente dentro de nós.

Assim, presto esta simples homenagem ao meu professor, mestre e doutor, que continua a me ensinar, mesmo tendo partido aparentemente tão cedo, mas na verdade, no tempo certo, e que acena todos os dias um "guardo você". Estou convicto de que ele tem música nova para tocar e me ensinar.

Para André Pinheiro Taets (*in memoriam*).

Resumo

A psicanálise conseguiu chamar a atenção não só das ciências ligadas ao comportamento humano (antropologia, filosofia, psicologia, sociologia e pedagogia, dentre outras), mas também da teologia, em especial aquela que se relaciona diretamente com a psicologia e o aconselhamento pastoral. Teologia, religião e conselheiro ainda mantêm algumas restrições quando se trata de aconselhamento pastoral e método psicanalítico de terapia a ser utilizado como instrumento válido em sessões de gabinete pastoral. A religião e seus efeitos no comportamento do ser humano são alguns dos aspectos mais importantes estudados no método psicanalítico freudiano. Assim como a teologia se situa diante das outras ciências, buscando o diálogo interdisciplinar, é saudável que mantenha uma via de comunicação com a psicanálise. Dessa forma, buscamos estudar o que existe na psicanálise de positivo e livre de atrito com a teologia, especialmente com o aconselhamento pastoral, que pode ser entendido como a dinâmica prática mais próxima do modelo apresentado por Freud como terapia. O que pretendemos neste trabalho é não temer os possíveis antagonismos entre as teorias apresentadas pelo pai da Psicanálise e o aconselhamento pastoral, mas, sem preconceito, sabermos tirar proveito daquilo que pode ser útil para o conselheiro cristão no exercício de sua função. Os limites entre aconselhamento pastoral e psicanálise não devem descredenciar a importância desta para o conhecimento da psique e da alma humana.

Palavras-Chave – Aconselhamento Pastoral, Conselheiro, Diaconia, Psicanálise.

Abstract

Psychoanalysis was able to call the attention not only of the sciences related to human behavior (anthropology, philosophy, psychology, sociology and education, among others), but also of theology, specifically one that is directly related to psychology and pastoral counseling. Theology, religion and counselor still maintain some restrictions when it comes to pastoral counseling and psychoanalytic method of therapy to be used as a valid tool in the pastor's study sessions. Religion and its effects on human behavior are some of the most important study in Freudian psychoanalytic method. Just as theology stands before the other sciences, seeking interdisciplinary, it is healthy to maintain a means of communication that can dialogue with psychoanalysis. Thus, we seek to study what is positive in psychoanalysis and which is not at odds with the theology, especially in pastoral counseling, which can be understood as a dynamic practice closer to the model presented by Freud as therapy. In this study we intent to show that possible antagonism between the theories presented by the father of psychoanalysis and pastoral counseling, can be seen but without prejudice. We draw out what can be useful for the Christian counselor in the exercise of its function. The boundaries between pastoral counseling and psychoanalysis should not discredit the importance of this to the knowledge of the psyche and the human soul.

Key Words - Pastoral Counseling, Advisor, Diakonia, Psychoanalysis.

Sumário

	Introdução	12
	PRIMEIRO CAPÍTULO	
1	O novo vazio humano com o advento da modernidade e o conselheiro cristão na modernidade	14
1.1	O vazio existencial moderno	14
1.2	O pensamento na pré-modernidade	16
1.2.1	O pré-modernismo no mundo	16
1.3	Estruturas que não fazem mais sentido	19
1.4	O conselheiro cristão e a modernidade	20
1.4.1	Ser conselheiro cristão na pós-modernidade	23
1.5	O homem religioso na pós-modernidade	24
1.6	A desconstrução que amplia o vazio	25
1.7	Habilitado para aconselhar	28
1.8	A pós-modernidade e sua relação com o eu e o outro	30
1.8.1	O eu pós-moderno	31
1.8.2	O outro que não sou eu	32
1.9	Ao conselheiro cristão	34
	SEGUNDO CAPÍTULO	
2	Ouvir sem escutar	36
2.1	A dinâmica de quem tem ouvidos para ouvir	36
2.2	Ouvindo o falante e a fala de que o ouviu	38
2.3	O que diziam aqueles homens. A fala do presente	41
2.4	A diaconia do ouvir e falar – uma expressão da misericórdia divina	41

2.5	A diaconia auditiva e a história	42
2.6	Uma diaconia auditiva considera a história	43
2.7	Uma diaconia auditiva envolve a comunidade	45
2.8	A diaconia auditiva de Jesus supera o óbvio	47
2.9	A diaconia auditiva de Jesus influencia quem o ouve	48
2.10	A diaconia auditiva de Jesus percebida em outros meios científicos	49
2.11	A audição que provoca eco	51
2.12	Uma audição que provoque e tenha significado	52
2.13	A audição que desafia o contemporâneo de Jesus	53
2.14	A audição que confronta a modernidade	54
2.15	Prosseguindo para o alvo de conselheiro	56

TERCEIRO CAPÍTULO

3	Contribuições da psicanálise na prática do aconselhamento pastoral	59
3.1	O aparelho psíquico freudiano	59
3.2	O inconsciente	61
3.3	O pré-consciente	63
3.4	O consciente	64
3.5	A segunda tópica	64
3.6	Freud e a escuta psicanalítica. Saber escutar e escutar sabendo	66
3.6.1	Saber escutar	70
3.6.2	Escutar sabendo	72
3.7	A psicanálise e a psicologia a favor do aconselhamento pastoral. Sem medo de psicanalisar pastoralmente	74
3.8	Síntese das características gerais da evolução dos métodos de aconselhamento psicológicos apresentados por Ruth Scheeffler	76
3.9	O aconselhamento psicológico	77

3.10	O método da catarse no aconselhamento pastoral	79
3.11	O método eclético de aconselhar. Exemplo nos evangelhos	80
3.12	A prática do aconselhamento pastoral utilizando a psicanálise. Mais um recurso a favor do aconselhando	81
3.13	Freud e sua percepção do transcendente	84
3.14	Situando a fé na psicanálise e a psicanálise na fé	87
3.15	O pastor psicanalista e o aconselhamento pastoral	90
	Conclusão	94
	Referências bibliográficas	96

Introdução

A psicanálise continua a despertar acaloradas discussões nos meios acadêmicos protestantes, já que Freud é conhecido como um ateu que, ao descartar a crença no Deus dos cristãos, não merece crédito por parte dos mais radicais. Alguns desconhecem que o pai da Psicanálise, na primeira infância, teve contato com o texto bíblico, o qual não foi insignificante para ele. Ao observarmos que, em grande parte de seus escritos, Freud alude à religião e às diferentes manifestações das crenças humanas como a algo a ser estudado e compreendido, no que se refere à saúde psíquica, descobriremos quão impactante foi para ele perceber como a religião era um dos aspectos da vida que mais influenciam no comportamento. E assim continua sendo para nós.

Nosso estudo tem como objetivo verificar o uso da psicanálise como mais um método a favor do conselheiro cristão, sem que este perca de vista o compromisso com a fé; e em que as diferentes demandas daqueles que procuram um conselheiro trazem questões de crença, tratando-se muitas vezes da principal causa de desconforto e de sofrimento. Esse mal-estar psíquico, percebido na fala e no comportamento do aconselhando, possibilita ao conselheiro não ignorante do método psicanalítico de manifestação do inconsciente ouvir com clareza e interpretar coerentemente o significado das palavras no gabinete pastoral.

Estruturamos nossa pesquisa em três capítulos que apresentarão objetivamente as razões pelas quais a psicanálise não deve ser temida ou entendida como hostil ao aconselhamento pastoral. Ao contrário, ela também pode estar a serviço do conselheiro que, maduramente, saiba distinguir as questões de atrito com a teologia e a fé cristã, sem descartar o método psicanalítico de terapia. Nosso estudo dos possíveis benefícios da psicanálise para o conselheiro cristão levou em consideração a experiência de teólogos e pastores que também atuam como psicanalistas. O que para muitos pode ser conflituoso tornou-se uma boa ferramenta para alguns pastores e conselheiros que acrescentam a psicanálise entre os métodos de audição terapêutica.

No primeiro capítulo, os efeitos diretos da modernidade são observados a partir da pré-modernidade, quando se chega à modernidade contemporânea, marcada pelo vazio existencial humano, o qual tem levado tantos a buscar no aconselhamento pastoral a resposta capaz de, pelo menos, fazê-los entender o desconforto da modernidade até

mesmo nas questões religiosas. Nesse capítulo também analisaremos os efeitos do vazio produzido na era contemporânea, decorrentes das transformações pelas quais passa a humanidade, já que os edifícios sociais se veem esfacelados, ocasionando danos ao comportamento do indivíduo e à sua psique.

O segundo capítulo tratará da relação do eu (sujeito) com o outro e dos efeitos dessa relação no comportamento social, nitidamente observáveis dentro das instituições religiosas, o que situa o aconselhamento pastoral como fator de equilíbrio para o membro que sofre os efeitos da modernidade contemporânea. Mostramos, assim, um desafio que o conselheiro deve encarar com prudência, para não acabar reforçando efeitos prejudiciais à saúde psíquica e espiritual de quem ainda não superou sofrimentos. Buscamos também, nesse capítulo, estabelecer um paralelo entre a diaconia do Senhor e a audição terapêutica. Entendemos que na diaconia auditiva de Jesus, muito do que Freud escreve pode ser interpretado, sem nenhum temor, como releitura do que o Mestre deixou como exemplo de dedicação e amor, ao não se furtar à audição das mais variadas demandas. O mestre sabia ouvir e se calar, quando necessário. No evangelho de Lucas, capítulo 12, verso 14, lemos: “Mas Jesus lhe respondeu: Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós?”. Nessa pequena narrativa o Senhor não emitiu juízo de valor. É no saber ouvir que saberemos falar. Outro pequeno exemplo do que afirmamos, o texto narrado no capítulo 24 do evangelho de Lucas, que trata dos dois discípulos de Emaús, reflete claramente como o Senhor sabia ouvir e interpretar para além das palavras daqueles com quem viveu. Os gestos, as expressões gustativas, os movimentos orbitais, a sensibilidade olfativa, tudo deve ser levado em consideração na conversa pastoral, pois de alguma forma o aconselhando está tentando transmitir o seu incômodo. Não é esse, também, o serviço prestado pelo conselheiro, o de saber interpretar o não dito?

A psicanálise pode ser usada pelo conselheiro cristão, sem que isso comprometa o crescimento espiritual daquele que dela faz uso, como daquele que busca no aconselhamento uma resposta para questões espirituais mais íntimas. É o que nos propomos demonstrar no terceiro capítulo. O conselheiro cristão não deve temer a psicanálise, podendo, ao contrário, utilizá-la com sabedoria para atender melhor o aconselhando. É sinal de maturidade saber julgar todas as coisas e reter o que é realmente útil no socorro do aflito. O conselheiro cristão, no exercício da função, busca dotar dos meios adequados o aconselhando, de modo que este saiba lidar maduramente com as vicissitudes desta vida. Entendemos que um bom aconselhamento é aquele que

conduz o aconselhando a um melhor relacionamento com Deus, consigo mesmo e com a sociedade em geral.

Procuramos, para tanto, traçar um paralelo entre psicanálise, psicologia e aconselhamento pastoral, servindo-nos do trabalho de estudiosos dessas diferentes áreas, numa composição dos esforços desses pesquisadores no intuito de aliviar o sofrimento dos aconselhados, numa esfera laica ou não.

Primeiro capítulo

1

O novo vazio humano com o advento da modernidade e o conselheiro cristão na modernidade contemporânea

As transformações que se podem observar no chamado período pós-moderno provocam nítidas e variadas alterações comportamentais nos diversos estratos sociais, nas regiões mais variadas do planeta. Em pequenos grupamentos encontramos marcas do sofrimento humano, numa reatualização de seus conceitos básicos institucionais, o que nos sugere que tamanho, nesse caso, não significa muito. Família, sociedade, trabalho, religião, linguagem, educação, moral, civismo, ética e tantos outros conceitos, outrora teoricamente dominados e de fácil entendimento, ganharam, com a pós-modernidade, uma percepção que difere bastante dos períodos pré-moderno e moderno. A religião é indubitavelmente um fator importantíssimo nesse processo.

Neste capítulo analisaremos os efeitos do vazio produzido na sociedade contemporânea, decorrentes das transformações pelas quais passa a humanidade, oriundas da fragmentação das mais diversas estruturas sociais em que se insere o indivíduo, capazes de condicionar seu comportamento e influir na sua psique. As fraturas na esfera psíquica, ao desestabilizarem o indivíduo, alteram o agir em comum do homem.

1.1

O vazio existencial moderno

Em meio ao leque infindável de possibilidades gerado pela complexidade pós-moderna, procuramos examinar aqui, dentro do campo religioso, o exercício do conselheiro cristão, que deve se atualizar continuamente de modo a acompanhar as mais diferentes demandas dos necessitados de audição. Saber ler o tempo em que se vive e sugerir caminhos que aliviem a carga emocional de tantos desencontros na vivência da fé cristã, em tempos pós-modernos, constitui o grande compromisso do conselheiro cristão. Não se trata de tarefa fácil, especialmente porque o pensamento humano tem na linguagem falada uma de suas formas de expressão mais mutável, e os signos linguísticos assumem novos significados muito rapidamente.

Nosso trabalho, neste capítulo, se dividirá em três etapas, na tentativa de melhor entender os efeitos da pós-modernidade passíveis de dificultar a audição do conselheiro ainda não totalmente cômico da importância dessas mudanças de comportamento, conceitos e influências ligados ao próprio conhecimento do ser humano em sua essência, e tudo que está ao redor do seu *habitat* e que, de uma forma ou de outra, influencia diretamente sua psique.

Esses fenômenos vão desde a simples conversa informal até o gabinete pastoral, local em que toda a instrumentalização do saber, visando ao melhor desempenho na prática do aconselhamento cristão, se faz necessária. As novas ideias e comportamentos adotados com a pós-modernidade parecem ter voltado os olhos também para uma nova maneira de aconselhamento pastoral, pois certa explosão de religiosidade se faz presente e é amplamente divulgada pelos diversos meios de comunicação.

Num primeiro momento julgamos necessária uma pequena descrição do que referimos como pré-moderno. Os pensamentos e vivências sociais da pré-modernidade eram padronizados, em especial pela Igreja. Analistas sociais, filósofos, psicólogos e psicanalistas tentam elucidar esse período na história da humanidade, as possíveis causas e efeitos que agiram significativamente no modo de pensar a vida, a natureza, os relacionamentos sociais e as organizações institucionais voltadas para a questão da religiosidade do homem, como elemento significativo a refletir mudanças profundas no paradigma psíquico. A própria percepção do “outro” como elemento que reflete para o

semelhante tais transformações é fator determinante a nos remeter ao trabalho auditivo do conselheiro cristão.

Em seguida, trataremos dos possíveis riscos a que se expõe o conselheiro cristão ao não se inteirar dos diferentes enfoques existentes nas ciências, nas artes e na religião, no trato do comportamento social humano, embora evitemos o aspecto sobre a fé, o abstrato que está diretamente ligado à questão do crer, da qual se ocupam as religiões. A religiosidade é inerente ao homem e à sociedade em geral, e continua a influenciar e a apresentar princípios que contribuem para diversas transformações sociais. A religião exerce forte poder sobre as diferentes camadas sociais em todos os tempos históricos conhecidos, e o trabalho do conselheiro é vital para que o ser humano se sinta orientado ao tomar decisões.

Por fim, faremos algumas sugestões práticas de modo a contribuir com o desempenho da função de conselheiro cristão, visando a que ele não perca de vista a base da fé em Cristo, em si só uma grande tarefa para o conselheiro na pós-modernidade. É certo que o assunto é amplo. Nosso objetivo é conclamar outros para que, juntos, procuremos identificar claramente as diferenças entre aconselhamento cristão e outras formas não menos eficazes de terapia, que não devem ser confundidas com o aconselhamento pastoral. Talvez esse seja o momento de tentar resgatar o ministério pastoral do conselheiro que, com os efeitos da pós-modernidade, parece também passar por profundas transformações não muito benéficas.

1.2

O pensamento na pré-modernidade

O homem pré-moderno não podia imaginar que, com o avanço da ciência, seu mundo passaria por transformações que muito lhe fariam refletir sobre verdades fossilizadas, especialmente as que estavam relacionadas à Igreja e à fé. A Igreja não seria mais o paradigma a ser seguido cegamente e nem os relacionamentos familiares e sociais estariam livres de questionamentos. O mundo passaria a girar em torno da interpretação múltipla do dado científico e a verdade alcançaria conotações relativas, dependendo do interesse de quem a estivesse manipulando. Nas palavras de Freud, “[...] há que refletir que aquilo que é provável não é necessariamente a verdade, e que a

verdade nem sempre é provável”.¹ A busca da verdade, dos relacionamentos produtivos (interindividuais ou entre grupos), a percepção do tempo, do espaço e da própria figura humana desencadeariam novas correntes de pensamento, num pesadelo quase insuportável para quem se propusesse repensar seus conceitos. Isso porque qualquer transformação de crença e relacionamento familiar e social acarreta mudanças na cosmovisão humana, capazes de influenciar o alcance da verdade presumida por essa mundividência. Esse saber pode estar imerso no plano inconsciente, vindo à tona somente por meio da audição psicanalítica empreendida pelo conselheiro. No caso específico do aconselhamento cristão, é necessário considerar a preexistência de um sistema de crenças que subjaz à cosmovisão do sujeito, o qual norteia seu comportamento em diferentes desdobramentos da atitude reflexiva e no contexto social, aqui considerando-se as várias facetas desse estar no mundo, marcado por diferentes intensidades na interação familiar, laboral, religiosa e cognitiva. Assim, a instrumentalização da psicanálise por essa vertente específica de aconselhamento constitui ferramenta valiosa também no entendimento da psique orientada pela fé.

Estabelecer uma data precisa para a transição da pré-modernidade para a modernidade foge ao alcance. Segundo Azevedo, ao citar o historiador alemão Wilhelm Oncken (1838-1905),

A passagem da idade média para a moderna se realiza de modo tão paulatino e imperceptível que não se pode fixar exatamente este período da história, menos ainda assinalar um fato determinado como ponto divisório entre as duas idades.²

O que percebemos como marca relevante da transição entre os dois momentos é o declínio da hegemonia da Igreja sobre os fatores ligados à sociedade, cultura e economia. A Igreja, por cujas lentes e interpretação pré-estabelecida o mundo era lido, já não provia mais a visão das relações do homem com o imanente. A ótica dessa instituição já manifestava uma cosmovisão obtusa, frente aos avanços que se iniciavam.

Nas palavras de Giddens, ao citar Yi-Fu Tuan, “na maioria das culturas pré-modernas, inclusive na Europa medieval, o tempo e o espaço se misturavam com o reino dos deuses e espíritos, e também com o privilégio do lugar”.³ Giddens destaca três

¹ FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 18.

² ONCKEN apud AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de. **A liberdade cristã em Calvino – uma resposta ao mundo contemporâneo**. Santo André, SP: Academia Cristã, 2009, p. 30.

³ TUAN apud GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 142.

prováveis pilares do período pré-moderno. O primeiro é a questão do tempo e do espaço; para esse estudioso, segundo Simões,⁴ o tempo do trabalhador pré-moderno “é cíclico (baseado em estações) e local”, não submetido à abstração do relógio, mas orientado pela natureza visível. Por sua vez, “para a maioria da população, o senso de espaço, seja geográfico ou, mais importante, social, era estreito [...] as idéias de espaço eram fixas”;⁵ em segundo lugar, a questão do abstrato, do transcendente, assinalada pela religião que, para Giddens, “gera um senso da fidedignidade dos eventos sociais e naturais, e assim contribui para a vinculação do tempo-espaço”;⁶ e o terceiro, a do local de culto como ponto relevante, dando mostras de alguns pensamentos embrionários no que diz respeito ao simbólico imaginário do homem.

A religiosidade pré-moderna passa pela equação tempo e espaço e sacraliza o lugar do culto como ambiente propício ao contato com a divindade. Embora o aspecto apresentado por Tuan possa parecer irrelevante, o local do culto continuaria sendo importante no período pós-moderno e exerceria forte impacto em outros lugares do globo terrestre. A importância de um solo sagrado ainda se tornaria motivo de formidáveis disputas, e mesmo depois das descobertas científicas e todo o avanço tecnológico da pós-modernidade, locais, ritos e elementos místicos apareceriam no imaginário religioso da própria sociedade pós-moderna, já ostentando uma roupagem nova, contemporânea.

No pré-modernismo a família era a base da organização social vigente, tendo na economia de subsistência a principal fonte de renda e manutenção de vida. Toda família fazia parte desse pequeno núcleo, vivendo em um ambiente inteiramente doméstico, emocionalmente equilibrado e sem grandes modificações estruturais. Isso nos conduz à percepção de que a unidade básica da sociedade, a família, encontrava-se coesa por códigos sociais facilmente entendidos, mesmo nas manifestações de suas crenças. Assim, Giddens nos fornece um pequeno exemplo ao dizer que

Nos tempos pré-modernos, certamente na Europa e sem dúvida também na maioria das outras culturas não modernas, a criança desde muito cedo vivia num ambiente coletivo em interação com os adultos em lugares domésticos assim como em outros lugares.⁷

⁴ SIMÕES, Vinícius. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/038/38csimoes.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2010

⁵ SIMÕES, Vinícius. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/038/38csimoes.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

⁶ GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 199, p.106.

⁷ GIDDENS, 2002, p. 142.

Ao considerar a criança como indivíduo interagente com o meio social, inferimos que no momento histórico pré-moderno, o pensamento humano expunha aspectos inclusivos dos componentes formadores daquele núcleo. A criança não estava alijada do contato com os adultos que representavam modelos de comportamento na sua formação psíquica, por excelência, e nem alheia às manifestações do que era considerado sagrado.

Porém, com o início da desconstrução dos conceitos medievais, no mundo novo que se apresenta, a ciência progressiva põe em dúvida modelos institucionais considerados ultrapassados – no caso aqui referido, a própria família e a sociedade pré-moderna. Desse ponto em diante é possível perceber mudanças estruturais que já começam a interferir no psiquismo humano, dando mostras de que o abstrato começa a ser repensado. Tenta assim materializar o que até então era abstrato, ou seja, o que interfere na saúde psíquica do indivíduo que, não tão ingênuo, quer saber mais sobre si mesmo.

A própria estrutura psíquica sofre uma espécie de epidemia, trazendo consigo infecções⁸ que reverberarão na pós-modernidade. Surgem o vazio existencial e o questionamento do “ser”, forçando ciência e religião a explicarem assuntos até então inquestionáveis.

Como uma nova forma de pensar e viver, a modernidade apresentava-se como inversão do até então vivido e conhecido. Nas palavras de Zygmunt Bauman, “de fato, pode-se definir a modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem ‘tradicional’, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente”.⁹ O começo ao qual se referiu Bauman se tornaria para o ser humano pós-moderno uma verdadeira fonte de neuroses e doenças psíquicas, que continuariam objeto de estudo das ciências psicológicas e especialmente da psicanálise freudiana. Muitas patologias mentais surgiriam em decorrência dos efeitos da chamada pós-modernidade, até então não experimentados pelas culturas, por estarem centradas no que o período medieval legitimava como certo.

O sagrado continuaria provocando atritos e controvérsias, considerando os aspectos até então imperceptíveis da relação entre o homem e aquilo que o transcende. As proibições seriam um pouco diferentes das ocorridas no período medieval, mas o cerne continuaria o mesmo, ou seja, a cultura do medo e da punição por vezes

⁸ JUNG, G. **Presente e futuro**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 2.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 20.

irracional, parte do transcendente situado para além do ser, que se instauraria como o sagrado revestido de nova roupagem e puniria impiedosamente o infiel, sem considerar qualquer tipo de consequência futura ou chance de perdão.

Freud deixa transparecer o que afirmamos, ao escrever que “o sagrado é obviamente algo em que não se pode tocar. Uma proibição sagrada possui um tom emocional muito forte, mas, na realidade, nenhuma base racional”.¹⁰

O efeito da racionalidade tão bem dissecado na obra de Freud provocou um desconforto significativo com respeito às questões ligadas à fé e à religiosidade. Contudo, não se pode afirmar que seus questionamentos se tornaram relevantes no que tange à fé e que esses não tenham contribuído para que a fé pudesse ser observada apenas na vertente emocional, mas também na sua manifestação prática que pudesse curar a psique humana.

Segundo Jung, “nós só podemos nos proteger da contaminação psíquica quando ficamos sabendo o que nos está atacando, como, onde e quando isso se dá”.¹¹ Até aquele momento a segurança do saber, retido pelo Estado e principalmente pela Igreja, não estava sujeita a ameaças. Porém, a velocidade de difusão das descobertas científicas desencadearia problemas pontuais no advento denominado pós-modernidade.

Tudo tem repercussão sensível na própria experiência humana e na sua relação com a religiosidade e o sagrado. A Igreja se vê frente a questionamentos antes inimagináveis e a fé expressa pela religião, outrora ponto pacífico para a sociedade pré-moderna, torna-se elemento de reflexões e estudos, pois as crenças nascidas numa religiosidade mecânica, depois dos avanços e descobertas arqueológicas e científicas, não mais pareciam satisfazer os interesses de um mundo que repensa o indivíduo como integrante de uma natureza cósmica que tem “Deus” como parte.

1.3

Estruturas que não fazem mais sentido

A consciência de um mundo outrora sujeito às mais variadas formas de intervenção da natureza, como manifestação de algo ligado a Deus e seu relacionamento com o homem, sofre radical mudança de sentido. A racionalidade faz com que o ser

¹⁰ FREUD, 2001, p. 104.

¹¹ JUNG, G. 1999, p. 3.

humano interprete os efeitos da natureza como algo distante de Deus e de si mesmo. Essa separação entre Deus e o homem, ou entre o ser e o transcendente, reflete a mudança significativa que o ser humano experimentou em relação a si mesmo, a Deus e ao outro. Essa nova forma de pensar desconstrói um arcabouço até então intocável, herdado da Idade Média, o que entendemos melhor à luz de Queiruga:

Na nova mentalidade, um Deus separado leva necessariamente seja ao deísmo puro e duro do “deus arquiteto ou relojoeiro”, que se desentende com sua criação, seja a uma espécie de deísmo intervencionista. Neste caso, trata-se da imagem de um Deus que está no céu, onde não está totalmente passivo, já que intervém de vez em quando; mas do qual, por isso, há que tentar se aproximar mediante o rito, a recordação ou a invocação, e mover ou convencer mediante a súplica, a oferenda ou o sacrifício. Em qualquer caso, a estrutura radical é a de que a iniciativa e a preocupação contínua estão em nós, enquanto a Ele solicitamos que intervenha de vez em quando com sua “ajuda”.¹²

Jamais, na Idade Média, essa estrutura de pensamento teria alcançado o êxito obtido na pós-modernidade. O homem destitui Deus do centro do universo e se apresenta como suficientemente capaz de resolver seus problemas.

As consequências dessa forma de pensar seriam mais tarde objeto de pesquisa das mais variadas ciências, em particular as psicológicas, pois o pensamento começava a sofrer modificações desconfortáveis e aflitivas inauditas. E o reflexo social desses transtornos motivará incontáveis pesquisas das ciências do comportamento, buscando respostas racionais para aspectos racionalmente não prováveis, apenas aceitos ou rejeitados. O despreparo para o novo busca na fé a resposta que a racionalidade não tem e esse conflito tornar-se-ia elemento inicial de patologias psíquicas até então jamais pesquisadas.

1.4

O conselheiro cristão e a modernidade

O que seria modernidade, então? Etienne assim define modernidade:

Entende-se geralmente por modernidade um modo de civilização que se desenvolveu na Europa ocidental a partir do século XVI, com o Humanismo renascentista e a Reforma Protestante e que encontrou seus fundamentos

¹² QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 30.

filosóficos e políticos no século XVII e XVIII, com o pensamento empirista, racionalista e iluminista.¹³

Partindo desse pressuposto, o moderno é a evolução do pensamento do homem, como pensador da própria existência, e assim, demolidor das certezas absolutas até então fossilizadas pelo período passado e especialmente defendidas pela Igreja. Tais princípios e conceitos já não mais satisfazem a cosmovisão humana; buscam-se caminhos que alcancem significados motivadores para essa nova forma de re-significação simbólica do real.

Essa transformação trouxe consigo inquietações sociais perceptíveis em grande parte das civilizações alcançadas pela tecnologia em gestação. O ser humano sofre um abalo na sua hipóstase e tem início uma crise sem precedentes na história da humanidade. A perda de grande parte do referencial que a princípio mantinha estáveis as estruturas psicossociais gera angústias e dúvidas. À falta de referências por que passava o homem naquele momento, Santos se refere como “a desreferencialização do real e dessubstancialização do sujeito, ou seja, o referente (a realidade) se degrada em fantasmagoria e o sujeito (indivíduo), perde a substância interior, sente-se vazio”.¹⁴

É esse vazio existencial abstrato de significação que se tornará o principal motivo de pesquisa e labor do conselheiro cristão. Frente a essa nova vivência humana, o conselheiro cristão depara-se com um indivíduo em busca de uma nova consciência de si mesmo e do outro, mas que ainda carrega o conflito entre o que pensava ser e o que ainda não consegue ser. Esse indivíduo percebe-se como quem, ao “alienar-se de si mesmo sente sucumbir-se à mentalidade coletiva.”¹⁵

O problema do conselheiro é que ao utilizar a palavra, o discurso e a linguagem como ferramentas básicas para o trabalho de audição de demandas tão subjetivas, porém pontuais, ele pode incorrer no equívoco de se firmar apenas em conceitos estabelecidos e que não atendem a quem vivencie essa alienação existencial. “Entrar num mundo de conceitos em que substituí, em larga escala, a verdade da realidade pelos produtos de sua atividade consciente”¹⁶ é por si só um risco, pois “a consciência é uma condição do ser”.¹⁷

¹³ HIGUET, Etienne A. (Org.). **Teologia e modernidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 9.

¹⁴ SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 9.

¹⁵ JUNG G., 1999, p. 9.

¹⁶ JUNG G., 1999, p. 37.

¹⁷ JUNG G., 1999, p. 21.

A questão para o conselheiro torna-se ainda mais problemática quando ele percebe o aconselhando perdido da condição mínima de consciência de ser. Isso levará o conselheiro a questionar onde se deu essa perda e quais os principais motivos, muitas vezes externos, que fizeram do aconselhando um indivíduo emocionalmente instável. Perder a consciência ou não querer resgatá-la em algum ponto consolida o vazio existencial. Quanto a isso, lemos o seguinte em Jung:

A perda de consciência em nosso mundo provém, fundamentalmente, da perda do instinto e tem sua razão de ser no desenvolvimento mental da humanidade ao longo das eras passadas. Quanto mais o homem conseguiu dominar a natureza, mais lhe subiu à cabeça o orgulho de seu saber e poder, e mais profundo o seu desprezo por tudo que é apenas natural e casual, isto é, pelos dados irracionais, inclusive a própria psique objetiva que não é a consciência.¹⁸

Ao ouvir o aconselhando, o conselheiro cristão deve ser capaz de possibilitar o entendimento da não diluição da individualidade pela massificação, e que é na compreensão da própria organização psicossocial interior que ele superará os atritos sociais e pessoais ao longo da vida, pois “somente aquele que se encontra tão organizado em sua individualidade quanto à massa pode opor-lhe resistência”.¹⁹

O conselheiro cristão deve manter sua base de fé sem perder de vista as transformações a que estão sujeitas o saber científico empírico e a descoberta abstrata de uma realidade transcendente. Deve também lembrar-se de que nas mais variadas narrativas bíblicas, o exemplo maior deixado pelo Senhor é que permite ao conselheiro refletir sobre indivíduos contemporâneos de Jesus, que ao serem ouvidos pelo Mestre, conseguiram superar os atritos mais íntimos. Até mesmo Freud elucida a questão ao afirmar que

Só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende.²⁰

Não é, então, sem perceber os aspectos essenciais da modernidade que o conselheiro cristão alcançará sucesso no trabalho de tentar, junto ao aconselhando, reestruturar a psique contaminada por conceitos que em vez de aliviarem os

¹⁸ JUNG G., 1999, p. 39.

¹⁹ JUNG G., 1999, p. 27.

²⁰ FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 10.

desconfortos e instabilidades associados à modernidade, produzem o vazio existencial ao qual já nos referimos e que a própria modernidade se incumbiu de “modernizar”.

Por mais simples que possa parecer, nem toda a tecnologia inventada, nem os sofisticados recursos científicos, nem mesmo a própria religião conseguiu anular os efeitos da crença num comportamento e num viver diário coerente, tanto do indivíduo como do meio social, e as ciências humanas procuram desvendar tal mistério.

O conselheiro cristão pós-moderno procura ler com as lentes de seu tempo o passado, o presente e a projeção para o futuro, sem, contudo, se tornar refém de princípios já incapazes de responder aos anseios de quem procura o equilíbrio existencial, para que a qualidade de vida seja real e não imaginária. Tarefa extremamente comprometedora, não permite que aventureiros da fé se estabeleçam como indivíduos técnica e espiritualmente habilitados a desempenhar um serviço que, mal conduzido, pode provocar fraturas psíquicas que jamais se cimentarão. Por isso, conhecer a religiosidade do homem na pós-modernidade é fator fundamental para que se minimizem os possíveis enganos na audição de quem, em meio às angústias da vida, espera na terapia pastoral ou em outro método terapêutico uma resposta que lhe alivie a aflição.

O conselheiro contemporâneo consegue vislumbrar numa conversa pastoral os reais motivos que levaram o aconselhando a procurá-lo, pois entende que as misteriosas agonias provocadas pela psique humana apenas refletem um todo mais amplo do que o indivíduo pensa ser a vida. De alguma forma, aquilo que o aconselhando vivenciou ao longo da existência fica arquivado nos porões da memória. Pensamentos obsessivos diminuem a qualidade de vida e impedem o amadurecimento psíquico de quem padece desse mal e o sofrimento é inevitável.

Nas palavras de Bootz,²¹ “os pensamentos nos dominam, tornamo-nos obsessivos com idéias das quais não conseguimos nos desligar”.²² Cabe ao conselheiro ser a nova via que reconduzirá o aconselhando à estrada para o destino desejado. Bootz também afirma: “Na esfera psíquica, nada se perde; a energia reprimida e estancada, uma vez libertada, é transformada em energia acessível à consciência”.²³ É disso que o

²¹ NOTA: Everton R. Bootz é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em Jaraguá/SC; doutor em Teologia pela EST; ex-professor na Universidade Luterana de El Salvador; pesquisador da obra de Eugen Drewermann e das interfaces da Teologia e do Aconselhamento Pastoral com a Psicologia Profunda.

²² HOCH, Lothar Carlos; Heimann, Thomas (Orgs). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade: anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral**. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2008, p. 14.

²³ HOCH, Lothar Carlos; Herimann, Thomas, 2008, p. 16.

conselheiro deve tratar no seu trabalho: proporcionar que a energia produzida qualifique o aconselhando a uma maturidade que lhe permita relacionar-se melhor com as vicissitudes da vida. Não é tarefa fácil, mas ao mesmo tempo é a grande oportunidade que o aconselhando tem de se ver livre para prosseguir rumo aos seus objetivos reais.

1.5

O homem religioso na pós-modernidade

A religião cristã passa por um declínio considerável, se comparada ao período medieval e moderno. Isso, porém, não quer dizer que a religiosidade do ser humano tenha perdido importância. Pelo contrário, o que constatamos pelos meios de comunicação é a busca frenética da crença e de sua manifestação. O indivíduo religioso, muitas vezes inconscientemente, não se apercebe de que essa religiosidade o situa com vantagem em relação a outras questões da existência. Afirma Jung:

O homem religioso desfruta de uma grande vantagem com relação à questão crucial de nosso tempo: ao menos ele tem uma idéia clara de que sua existência subjetiva se funda na relação com “Deus”. Coloco a palavra “Deus” entre aspas para ressaltar que se trata de uma representação antropomórfica cuja dinâmica e simbolismo são transmitidos por meio da psique inconsciente.²⁴

A pós-modernidade tem, dentre tantas marcas, uma que afeta diretamente a psique humana: a desconstrução. Desconstruir conceitos, normas, paradigmas tornou-se uma das principais provas da pós-modernidade. Tal efeito trouxe uma gama enorme de conflitos psíquicos que, segundo Jair F. dos Santos, associados à decadência dos grandes ideais, valores e instituições ocidentais como Deus, ser, razão, sentido, verdade, totalidade, ciência, sujeito, consciência, produção, Estado, revolução, família etc.,²⁵ geraram um nível tal de desestruturação psíquica que a religião se tornou, se já não era de alguma forma, uma base de sustentação homeostática do sujeito como indivíduo social.

A grande explosão das diversas formas de expressão da religiosidade que afloraram concomitantemente com o que se denominou pós-modernidade trouxe questionamentos até então não propostos sobre a religião adotada ou praticada na

²⁴ JUNG, 1999, p. 41.

²⁵ SANTOS, Jair. 2004, p. 72.

tentativa de relacionamento com o transcendente. Por essa vertente é possível observar o grau de influência que sofre o homem, no que diz respeito à estrutura psíquica, que na pós-modernidade sofre um desmoronamento muitas vezes irreversível do ponto de vista das ciências racionais, mas não da fé cristã.

1.6

A desconstrução que amplia o vazio

Foi Jacques Derrida quem inventou a palavra “desconstrução”,²⁶ conceito que resume, de certa forma, a filosofia que tende a dominar todo o pensamento pós-moderno. Para o conselheiro cristão no exercício da função, essa palavra detém significado importantíssimo. A desconstrução a que se refere Derrida tem como pano de fundo o pensamento niilista de Nietzsche. Niilismo – da palavra latina *nihil* – que corresponde a “nada” na língua portuguesa, “quer dizer, desejo de nada, morte em vida, falta de valores para agir, descrença em um sentido para a existência”.²⁷ A questão é que se desconstrói, mas nada é colocado no lugar desse buraco psíquico-social.

O homem religioso da pós-modernidade é um indivíduo que procura o preenchimento desse vazio, porém a massificação, entendida “como toda manifestação cultural produzida para o conjunto das camadas mais numerosas da população, o povo, o grande público”,²⁸ transforma-se em um obstáculo detentor de altíssimo índice de infelicidade pessoal, porque o mercado capitalista produtor dessa cultura de massa não está interessado no indivíduo como ser, mas como consumidor compulsivo até mesmo de produtos a ser inventados. “Um dos principais fatores da massificação é o racionalismo científico”.²⁹

O capitalismo tem vedado a percepção do homem como indivíduo, levando-o a perceber-se como mera parte da engrenagem. Ao reforçar sua individualidade, não lhe permite saber quem ele realmente é. Segundo Fromm, o que o capitalismo moderno produz no homem pode ser resumido, de acordo com nosso entendimento, da seguinte forma:

O capitalismo moderno necessita de homens que cooperam sem atrito e em amplo número; que queiram consumir cada vez mais; e cujos gostos sejam

²⁶ SANTOS, Jair. 2004, p. 78.

²⁷ SANTOS, Jair. 2004, p. 72.

²⁸ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_Massa> Acesso em 14 jan. 2008.

²⁹ JUNG, G. 1999, p. 7.

padronizados e possam ser facilmente influenciados e previstos. Necessita de homens que se sintam livres e independentes, não submissos a qualquer autoridade, ou princípio, ou consciência – e, contudo, desejosos de ser mandados, de fazer o que se espera deles, de adequar-se em fricção à máquina sócia; que possam ser guiados sem força, dirigidos sem líderes, impulsionados sem alvos – exceto o de produzir bem, estar em movimento, funcionar, ir adiante.³⁰

Inferimos, então, que o capitalismo produz certa espécie de comportamento que além de influenciar o homem na vida prática, em especial no relacionamento com o objeto material, tem também distorcido a própria autoimagem desse homem. E ainda conforme Fromm, “o homem moderno é alienado de si mesmo, de seus semelhantes e da natureza”.³¹ Tal alienação tende a produzir níveis facilmente perceptíveis de ansiedade, angústia e frustração e agirá diretamente na saúde psíquica desse indivíduo, gerando uma infelicidade visível a olho nu.

Segundo Zygmunt Bauman, citado por Giddens, “o mercado se nutre da infelicidade que gera”.³² Ao deixar-se influenciar por essa massificação alienante, o indivíduo perde-se de si mesmo, e nesse conflito interno, mais desqualificado para a vida social se sente. “A desqualificação da vida social cotidiana é um fenômeno alienante e fragmentador no que diz respeito ao eu”.³³ Sem saber exatamente quem é, o sujeito cede às escolhas impostas indutivamente pela mídia de modo tão subliminar como se ele mesmo as tivesse exercido, e o homem torna-se um robô programado para responder de acordo com o “*software*” nele implantado pela via do inconsciente.

Entendemos, portanto, que não se consegue superar sozinho toda essa mudança de valores e princípios. Insegurança e vazio serão preenchidos à medida que o indivíduo tiver consciência de que não está só nessa empreitada. A figura do conselheiro, na qualidade de terapeuta, é indispensável para que isso aconteça, porque “a terapia nos oferece alguém para quem podemos nos voltar, uma versão secular do confessor”.³⁴ Isso nos leva a refletir sobre como a pós-modernidade carece de conselheiros preparados para esse serviço, capazes de não se deixar influenciar pelo modelo alienado dos meios de comunicação apoiados pelo capitalismo que transforma o ser humano em outra espécie de mercadoria.

Segundo nos lembra Giddens,

³⁰ FROMM, Erich. **A arte de amar**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1985, p. 116.

³¹ FROMM, 1985, p. 116

³² GIDDENS, 2002, p. 183.

³³ GIDDENS, 2002, p. 129.

³⁴ GIDDENS, 2002, p. 38.

A terapia não é simplesmente um meio de lidar com novas ansiedades, mas uma expressão da reflexividade do eu – um fenômeno que, ao nível do indivíduo, como as instituições maiores da modernidade, equilibram oportunidade e catástrofe potencial em medidas iguais.³⁵

O desafio do conselheiro terapeuta não é apenas o de desfazer equívocos emocionais, mas também o de gerar, dentro do possível, “segurança psíquica e sensação de bem-estar”.³⁶ Para que isso aconteça, a atenção às variações sociais e novas descobertas científicas torna-se matéria de qualquer reflexão que objetive a condução do homem ao encontro de si mesmo.

1.7

Habilitado para aconselhar

Frente ao exposto, quem estaria habilitado a acompanhar alguém num processo de reestruturação psíquico-social na pós-modernidade? O conselheiro cristão deve estar consciente de sua singularidade em relação a outros profissionais da área de saúde mental, bem como da particularidade da sua técnica psicoterápica, entre as demais. Os recursos utilizados na audição terapêutica cristã lidam essencialmente com a perspectiva do transcendental, o que quer dizer que o conselheiro cristão leva em consideração sua vivência religiosa. Isso, no entanto, não deve interferir no cuidado de sua audição de modo a comprometer seu desempenho ao ouvir um aconselhando não cristão.

A seu favor, o conselheiro cristão conta com a religiosidade humana, talvez inconsciente para o aconselhando, mas indubitavelmente lúcida para o conselheiro. A subjetividade religiosa está presente e patente aos olhos de quem exerce essa função. Nem mesmo a pós-modernidade foi capaz de sufocar o interesse humano pelo transcendental. O conselheiro cristão habilitado sabe que, apesar de toda a ciência e tecnologia desenvolvida, “o homem religioso encontra-se sob a influência direta de uma reação do inconsciente. Ele caracteriza esse fato, via de regra, como consciência moral”.³⁷

Outro aspecto importante é que no caso do conselheiro cristão, sua formação leva em conta a interdisciplinaridade da preparação. Filosofia, psicologia, sociologia, ética,

³⁵ GIDDENS, 2002, p. 38.

³⁶ GIDDENS, 2002, p. 159.

³⁷ JUNG, 1999 p. 40.

política, história geral e das religiões são apenas algumas das disciplinas estudadas e que tornam o conselheiro cristão um profissional atualizado e atento ao mundo de seu tempo. Mas Anton T. Boisen, citado por Clinebell, amplia esses conceitos elementares, ao afirmar que

Quando dá o melhor de si, o padre ou pastor traz certos insights para a tarefa de ajudar os atribulados de espírito. Ele é versado nas expressões dos grandes e nobres da raça humana, investigou as aventuras do espírito humano, tanto individuais quanto coletivas, em sua busca da vida mais abundante. Ele compreende os profundos anseios do coração humano e a importância das forças construtivas que estão manifestas de modo semelhante na experiência de conversão religiosa e na doença mental aguda. Ele reconhece a necessidade fundamental de amor, o negro desespero relacionado à culpa e à alienação daqueles a quem amamos, e o significado do perdão através da fé no Amor que rege o universo e perante o qual ninguém que está no processo de tornar-se melhor está condenado. Nessas percepções, e não em quaisquer técnicas específicas, reside a importante contribuição do ministro competente.³⁸

Se o homem pós-moderno por vezes se vê excluído do processo que lhe rouba a identidade, priva-o de uma escolha genuína e transforma-o numa máquina de consumo, a questão religiosa ou a religiosidade de modo geral tem conseguido fazer frente a essa exclusão do ser humano da sociedade, o que corrobora o pensamento de Giddens, ao afirmar que

quanto mais “inclusiva” uma determinada denominação religiosa, mais ela “resolve” o problema de como viver num mundo de múltiplas opções. Formas mais atenuadas de crença religiosa, entretanto, também podem oferecer apoio importante na tomada de decisões vitais significativas.³⁹

A habilidade do conselheiro na pós-modernidade é o entendimento de que as diversas formas terapêuticas também procuram o bem-estar do sofredor, pois “o terapeuta é no máximo um catalisador que pode acelerar o que deve ser um processo de autoterapia”.⁴⁰ Isso não reforça, segundo nosso entendimento, a crise instaurada pela pós-modernidade, que privilegia o narcisismo como patologia, como afirma Giddens:

[...] Repressão institucional em que afirma os mecanismos de vergonha e não de culpa, assumem o primeiro plano. A vergonha tem relações próximas com o narcisismo, mas é um erro, como observado acima, supor que a auto-identidade se torna cada vez mais narcisista. **O narcisismo é um tipo entre outros de mecanismo psicológico e, em alguns casos, uma patologia** – que

³⁸ CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral – modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo – RS: Sinodal, 2000, p. 65.

³⁹ GIDDENS, 2002, p. 133.

⁴⁰ GIDDENS, 2002, p. 71.

as conexões entre identidade, vergonha e projeto reflexivo do eu fazem surgir.⁴¹

Ser um hábil conselheiro na pós-modernidade, especialmente cristão, é ter consciência das possibilidades aqui mencionadas, e jamais se esquecer de que o homem, apesar de todas as transformações a que é submetido pela ciência ou pela religião, nunca deixará de “ser humano”.

1.8

A pós-modernidade e sua relação com o eu e o outro

O homem contemporâneo procura a autorreconstrução frente aos desafios de equilibrar-se num mundo novo em que a identidade individual apresenta contornos de poder e liberdade. Situar-se no meio pós-moderno obriga-o a encarar o próprio eu em relação ao outro. E é no conhecimento do outro que o eu conseguirá se identificar e perceber-se. O que a princípio pode parecer simples se revelará um dos obstáculos mais trabalhosos a ser superado pelo homem chamado pós-moderno. O individualismo a que se entregou o homem pós-moderno será o causador das variadas patologias mentais amplamente estudadas pelas ciências psicológicas, e como não poderia deixar de ser, pelo conselheiro pastoral. Se o indivíduo não se reconhece, não se tratando aqui de patologia que envolva amnésia, a tendência é que se dilua em meio aos tantos outros que também não se percebem como indivíduos com identidade própria. A massa humana, então, procurará se projetar em ídolos que substituam o seu real pelo imaginário desejado. É a própria aniquilação do eu e a oportunidade esperada pelos aproveitadores das carências humanas. A indústria que explora a miséria humana possui seus empresários e funcionários de plantão. Religiosos ou não, tais empreendedores não estão dispostos a abrir mão do lucro não tributável. É um bom “negócio”!

⁴¹ GIDDENS, 2002, p. 15-16. * Grifo do autor.

1.8.1

O Eu pós-moderno

O fenômeno da pós-modernidade, dentre outros aspectos, busca apresentar uma nova perspectiva do indivíduo na qualidade de Eu. Durkheim, citado por Giddens, diz que “em certo sentido o ‘indivíduo’ não existia nas culturas tradicionais, e a individualidade não era prezada”.⁴² Ora, isso é importante na observação do Eu sob uma perspectiva pós-moderna. Se no passado o homem se alienava de si mesmo, agora procura saber quem é. O paradoxo se encontra quando percebemos que na pós-modernidade o Eu não se apresenta emancipado, e a isso Giddens chama de projeto reflexivo do eu ou autoidentidade:⁴³ “o eu entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia”.⁴⁴

Com a pseudoemancipação do homem, apoiada no relativismo científico, no não absoluto e no hedonismo exacerbado, a desfragmentação do Eu só se sustenta por meio de uma autobiografia pré-fabricada. Essa biografia pode ser geradora de uma autofobia, ou seja, “a *autofobia* é o medo de si mesmo, da autobiografia, da tomada de consciência da realidade consciencial”.⁴⁵ Se a ciência não responde às questões ligadas ao absoluto e a religião não consegue fazer com que o indivíduo opte pela busca do abstrato como possibilidade de autoconhecimento, então, como diz Giddens, “tomar conta de nossas próprias vidas envolve risco, porque significa enfrentar a diversidade de possibilidades abertas”.⁴⁶

O fator complicador disso tudo é que o Eu tenta escapar do passado recalcado e traumático criando uma biografia que não corresponde ao que se encontra armazenado no inconsciente, o qual não se enquadra no tempo e no espaço, pois “na teoria psicanalítica o inconsciente não pode conceber sua própria morte, porque o inconsciente não tem sentido de tempo”, e na biografia do Eu a morte ainda continua sendo o grande mistério. Na verdade é o não saber que produz essa ansiedade velada.

⁴² GIDDENS, 2002, p. 74.

⁴³ GIDDENS, 2002, p. 221.

⁴⁴ GIDDENS, 2002, p. 221.

⁴⁵ Disponível em: <<http://pt.conscienciopedia.org/Autofobia>> Acesso em 08 Jan.2008.

⁴⁶ GIDDENS, 2002, p. 72.

O Eu da pós-modernidade busca coerência psíquica e, ao mesmo tempo, material. “Pois o desenvolvimento de um sentido coerente de nossa história de vida é um meio fundamental de escapar à escravidão do passado e abrir-se para o futuro”.⁴⁷ O problema se agrava quando o Eu não vislumbra o futuro e a apatia depressiva da falta de perspectiva imobiliza a esperança e proclama o suicídio homicida desse Eu.

Com esse pensamento não concordaria Foucault, que rejeita o Eu como “sujeito conhecedor autônomo que vê o mundo como um objeto acessível ao conhecimento humano”.⁴⁸ Corroborando o pensamento nietzschiano, o filósofo francês não segue os postulados iluministas e nem dá crédito à “suposta universalidade e à eternidade das categorias situando-as novamente no fluxo histórico”.⁴⁹ Para Foucault, a natureza humana é questão abstrata, tornando-se apenas um conceito universalmente aceito por via do estruturalismo iluminista. Foucault afirma que “nossa experiência subjetiva é constituída social e historicamente por fatores que ‘internalizamos’ inconscientemente”.⁵⁰ Os adeptos da filosofia de Foucault não buscam entender um Eu independente, ocupando-se mais com a questão da interpretação de textos, da linguagem e do discurso como representação do mundo, e confirmam a complexidade em que a pós-modernidade está mergulhada.

1.8.2

O Outro que não sou Eu

A percepção do outro na pós-modernidade não se distancia da reflexividade institucional de que trata Giddens. Para esse estudioso, “reflexividade institucional é o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação”.⁵¹ Mas existiria “Outro” num pensamento pós-moderno? Apesar do individualismo e da manipulação de massa observáveis no período pós-moderno, Giddens deixa transparecer que existe um Outro, que se aliado ao Eu, conseguiria um bem-estar comum na sociedade. Porém, isso só

⁴⁷ GIDDENS, 2002, p.71.

⁴⁸ GRENZ, Stanley J. **Pós-modernidade – guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1999, p. 186.

⁴⁹ GRENZ, 1999, p. 187.

⁵⁰ GRENZ, 1999, p. 187.

⁵¹ GIDDENS, 2002, p. 26.

seria possível se ambos, Eu e Outro, tivessem uma percepção menos escatológico-apocalíptica do mundo e que assim o presente seria uma forma de preparo para o futuro.

Segundo Giddens, “o mundo moderno tardio – o mundo do que chamo de alta modernidade – é apocalíptico não porque se dirija inevitavelmente à calamidade, mas porque introduz riscos que gerações anteriores não tiveram que enfrentar”.⁵²

Há na pós-modernidade uma tendência fortíssima que promove o isolamento do indivíduo, como se este bastasse a si mesmo. Tal pensamento é amplamente rejeitado por Giddens e outros pensadores pós-modernos, como Etienne, que afirma que “a exaltação do sujeito individual o isola num mundo desprovido de solidariedade e espírito comunitário”.⁵³ Solidariedade é uma palavra que bem expressa a presença e a interferência do outro na vivência do indivíduo. Ampliando esse pensamento, encontramos mais uma vez, no dizer de Giddens: “Quanto mais cada um de nós puder aprender a estar verdadeiramente no presente com os outros, sem fazer regras ou erigir barreiras para o futuro, tanto mais fortes seremos, e tanto mais próximos e felizes em nossas relações”.⁵⁴

Libânio, ao abordar a relação do sagrado como elemento selvagem, assim escreve:

Há uma lógica no surto do sagrado selvagem. A racionalização do mundo, da sociedade, com suas lógicas da razão científica e técnica, devora as alteridades, reduzindo-as ao “mesmo” do indivíduo. “O Outro somos nós”. Corroem-se as referências e representações simbólicas religiosas tradicionais que davam à sociedade tradicional sua unidade e que mantinham o indivíduo e a sociedade sob dependência radical.⁵⁵

O autor apresenta-nos uma perspectiva inclusiva de sociedade e lembra-nos sutilmente de que a alteridade sempre foi, em toda a história humana, o que nos legou exemplos a serem seguidos no futuro. Quanto a isso, o maior exemplo, e que mais polêmica causou, foi a própria figura do Cristo, não havendo racionalização ou ciência que conseguisse diminuir o impacto apresentado nos evangelhos do modo “moderno” de ser de Jesus. É no encontro com o “Outro” que me percebo como indivíduo.

Não deverá ser surpresa para o conselheiro cristão na pós-modernidade perceber que o conflito humano de identidade se estende para além de conceitos e filosofias incapazes de responder às questões sobre o Outro e sua importância no entendimento do

⁵² GIDDENS, 2002, p. 11-12.

⁵³ HIGUET, 2005, p. 11.

⁵⁴ GIDDENS, 2002, p. 73.

⁵⁵ LIBANIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 68-69.

Eu. Saber quem sou Eu necessariamente passa pelo reconhecimento de quem é o Outro, e quanto a isso os argumentos até então apresentados pela modernidade não conseguiram ofuscar que no mais profundo do ser a raça humana continua precisando da vivência social para se estabelecer e se reconhecer.

1.9

Ao conselheiro cristão

Durante todo este capítulo procuramos dimensionar duas questões relevantes: o efeito da pré-modernidade e da pós-modernidade contemporânea e a importância do conselheiro, em especial o cristão, no exercício altruísta de preparar-se para enfrentar os embates mais desgastantes que ainda surgirão com o avanço da pós-modernidade contemporânea. Nossa pesquisa visa a incentivar o conselheiro a que não se deixe desviar de suas convicções cristãs básicas, embrenhando-se por caminhos que pouco ou nada produzirão de concreto na audição terapêutica, além do efeito analgésico psíquico mascarador de infecções humanas da alma: “Infecções psíquicas provocadas por um fanatismo religioso”.⁵⁶ Não são poucos os exemplos de filósofos como Nietzsche, Foucault, Derrida e outros que, de alguma forma, passaram pela religiosidade que interferiu em suas vidas, mas, ao que parece, não encontraram a resposta para os anseios mais profundos. Deixaram, contudo, seguidores que ainda procuram desvendar o mistério da transcendência humana pelas vias da racionalidade, apenas.

Situar-se como terapeuta hoje exige dedicação e, segundo nosso ponto de vista, nenhum preconceito quanto a técnicas, leituras, esforço e, acima de tudo, fé. A paixão pelas almas continua sendo uma velha receita que, se aplicada sabiamente, produz cura física, mental e espiritual. A isso se presta quem se sente inclinado a ser conselheiro e reconhece que a religiosidade não libertadora pode gerar conflitos internos capazes de ampliar o sofrimento e o desconforto na vivência do homem, o que seria um retrocesso à Idade Média e a períodos em que o homem não se percebia como ser pensante.

O desafio do conselheiro na modernidade é não incorrer em erros passados, pois segundo Warren Wagner, citado por Giddens,

As autoridades religiosas em particular frequentemente cultivavam a sensação de que os indivíduos estavam cercados por ameaças e perigos – pois só o agente religioso estava em posição de ser capaz de entender essas

⁵⁶ GIDDENS, 2002, p. 15.

ameaças e perigos e, portanto, de procurar controlá-los. A autoridade religiosa criava mistérios ao mesmo tempo em que afirmava ter acesso privilegiado a esses mistérios.⁵⁷

Reconhecido como autoridade terapêutica competente, sem se situar como solucionador de todos os problemas, o conselheiro deve estar consciente de que “o advento da modernidade traz mudanças importantes no ambiente social externo do indivíduo, afetando o casamento e a família assim como outras instituições”.⁵⁸ Seu material de trabalho não é descartável e o instrumento básico utilizado é a palavra. O pensamento expresso pela palavra tornou-se tão importante para o falante e aquele que o ouve que somos lembrados por Vigotski da relevância de seu significado: “O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento”.⁵⁹

O sujeito que se expõe pela palavra propõe-se despir de todos os preconceitos impostos pelo convívio sociocultural. É lúcido acompanharmos o pensamento de Roudinesco, ao afirmar que

[...] Só um sujeito falante está em condições de testemunhar sobre a tragédia de sua existência. E provavelmente esse privilégio do pensamento reflexivo, recebido como herança pela psicanálise, é o único que o homem moderno pode hoje reivindicar num mundo agora extrapolado pela vertigem de sua própria potência.⁶⁰

Por isso vale a pena ser um conselheiro preparado, pois a vida não tem preço e a pós-modernidade busca estabelecer um valor de mercado para cada indivíduo. Com essa forma de pensamento “moderno”, o conselheiro jamais pode concordar, pois ele sabe que, apesar de todo o capitalismo acoplado à modernidade, a vida não tem preço.

⁵⁷ GIDDENS, 2002, p. 180.

⁵⁸ GIDDENS, 2002, p. 18.

⁵⁹ VIGOSTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 150-151.

⁶⁰ ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 167.

Segundo capítulo

2

Ouvir sem escutar

Não é por ser dotado de capacidade auditiva que se esteja necessariamente ouvindo. A comunicação auditiva, para além da anatomia, envolve disposição mental e atenção não difusa. Esse é mais um compromisso a que se dispõem o conselheiro cristão e qualquer método terapêutico que instrumentalize a voz e a audição como ferramentas de trabalho. Há de se reconhecer que a ciência deu um imenso salto na comunicação de massa: a maioria dos falantes de qualquer nacionalidade conta com instrumentos de comunicação que permite ouvir e falar – telefones, rádios, televisores, internet etc. – e um sem número de invenções põe pessoas em contato com outras nas mais remotas partes do globo terrestre. Mas isso não quer dizer necessariamente que se esteja realmente ouvindo, pois ouvir, do ponto de vista deste capítulo, está para além da tecnologia, para além da simples decodificação de sons ou palavras que, em não raros casos, não dizem nada. Ouvir é algo muito abrangente, envolvendo outros sentidos (tato, olfato, visão, gustação), no que poderíamos denominar audição integral e integrante, que procura ouvir o ser humano todo e, no caso de uma terapia auditiva, ouvi-lo o tempo todo. Os gestos, as expressões gustativas, os movimentos orbitais, a sensibilidade olfativa, tudo deve ser levado em consideração na conversa pastoral, pois de alguma forma o aconselhando está tentando transmitir o seu incômodo.

2.1

Considerações sobre a comunicação

A primeira década do século XXI pode ser considerada a década da comunicação de massa. Mas o que é comunicação de massa? Vejamos:

A comunicação de massa é a comunicação feita de forma industrial, ou seja, em série para atingir um grande número de indivíduos, a sociedade de massa. Numa visão apocalíptica, ela é uma conversão da cultura em mercadoria, utilizada pelas classes dominantes de forma vertical para homogeneizar as massas. Para definir esta conversão, os frankfurtianos Adorno e Horkheimer criaram o termo Indústria Cultural, citado pela primeira vez em *Dialética do Iluminismo*.⁶¹

Os avanços tecnológicos nessa área possibilitam produzir um novo comportamento nas massas populacionais que nos leva a refletir sobre como o ser humano tem ouvido o semelhante e se a comunicação está realmente acontecendo. Segundo McLuhan,

as culturas de massa criadas pelos modernos meios eletrônicos (sobretudo a televisão), e sua linguagem própria, baseada na imagem, significava o surgimento de uma nova cultura popular que ia permitir a comunicação entre os habitantes da aldeia global em um mundo comprimido pelas redes eletrônicas de informação, de onde deduzimos que não há a preocupação com o que se informa, a estes meios basta tão somente comunicar.⁶²

E como aspecto relevante, a comunicação humana parece dar mostras de que ouvir alguém ou algo que faça sentido torna-se extremamente difícil. O que é significativo e passível de observação, no entanto, é que apesar de todo esse aparato tecnológico à disposição das diferentes classes sociais, o ser humano parece não se fazer entender, quando lemos o que se segue:

Apesar de a comunicação autêntica ser a que se assenta sobre um esquema de relações simétricas — numa paridade de condições entre emissor e receptor, na possibilidade de ouvir o outro e ser ouvido, como possibilidade mútua de entender-se —, os meios de comunicação de massa são veículos, sistemas de comunicação num único sentido (mesmo que disponham de vários feedbacks, como índices de consumo, ou de audiência, cartas dos leitores). Esta característica distingue-os da comunicação pessoal, na qual o comunicador conta com imediato e contínuo feedback da audiência, intencional ou não, e leva alguns teóricos da mídia a afirmar que aquilo que obtemos mediante os meios de comunicação de massa não é comunicação, pois esta é via de dois

⁶¹ YOUNES, Nathalia. **O que é comunicação de massa?** Disponível em: <<http://www.jornaldedebates.ig.com.br/debate/midia-toma-partido-ou-cumpre-seu-papel/artigo/que-comunicacao-massa>> Acesso em: 14 jan. 2008

⁶² http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Comunicacao_de_massa.htm.

sentidos e, por tanto, tais meios deveriam ser denominados veículos de massa.⁶³

É fácil perceber nas vias públicas e locais de aglomeração de massas (aeroportos, estações fluviais ou ferroviárias, rodoviárias, parques etc.) que a geração deste tempo está marcada pela necessidade de ouvir. São aparelhos de MP3, rádios, televisores e grande número de fones de ouvido usados tanto por jovens como por adultos. Tudo isso nos faz pensar que ouvir ganhou outro significado, o de fazer sentido de alguma forma. Mas quem ouve quem? E o que se ouve? Tal audição tem contribuído para que o homem se torne mais sensível às questões sociais, às carências afetivas, ao outro?

O que é passível de observação é que em meio a tudo isso, o tempo gasto nas comunicações virtuais não satisfaz a necessidade de manter contato real com quem se fala. Contra isso ainda pesa o fenômeno tempo como qualidade, e não como extensão cronológica. Mesmo quando se faculta ao semelhante oportunidade suficiente para que este ouça o outro e a si mesmo, parece que nunca se produz a comunicação. É a guerra do tempo, algo tão imaterial, contra a materialidade das relações humanas. O adágio popular “nada substitui o calor humano” pode ser parafraseado por “nada substitui o estar perto para ouvir, ser ouvido e falar”.

2.2

Estudo do texto de Lucas 24

Na assim denominada pós-modernidade, o ouvir está para além da simples decodificação de frases organizadamente justapostas e estruturalmente bem elaboradas. A dinâmica da vida tem reduzido o tempo e o esforço de parar e ouvir a fala do outro. Esse dizer é a própria expressão do mundo, da vida, das expectativas de futuro, do sonho de ser realmente ouvido num mundo em que o barulho ensurdecido de motores, máquinas, carros e tantos outros sons impedem o ser humano de dizer quem ele é. Poucos são aqueles que se dedicam a ouvir o semelhante pela importância que este tem como tal. Cabe aqui lembrar um personagem histórico que aparece nos evangelhos e foi

⁶³ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunica%C3%A7%C3%A3o_de_massa&oldid=5794777>. Acesso em 12 abr 2010.

exemplo de como se deve ouvir e falar. O serviço diaconal de Jesus era marcado pelo ouvir e pelo falar, e isso faz muita diferença até os dias de hoje.

A diaconia de Jesus abrange, dentre outros aspectos, a importância de ouvir o homem como unidade do universo que o abarca em todas as suas potencialidades. Mesmo assim, por vezes o ser humano se desintegra em meio a uma multidão sem nome, rosto ou identidade. Uma multidão denominada sociedade – de consumo – que consome quem ele é e o que pode vir a ser, e tenta a todo instante consumir sua própria alma, misturando-a a objetos inanimados, como se estes fizessem parte da vida integral do homem. É a própria robotização da carne humana, na tentativa de eternizar o que perece dia a dia.

Conforme Gustavo Gutiérrez, citado por Gaede Neto,⁶⁴ a compreensão holística concebe o ser humano “em sua totalidade: corpo e espírito, indivíduo e sociedade, pessoa e cosmos, tempo e eternidade”. Isso nos permite pensar na diaconia auditiva de Jesus, na qual os componentes relacionados por Gutiérrez fazem parte da própria “existência humana em todas as dimensões” assumidas pelo Cristo.⁶⁵

Tomemos como exemplo básico de audição holística diaconal de Jesus a narrativa de Lucas 24:13-35, em que dois discípulos do Senhor caminham para Emaús, cidade que distava de Jerusalém não mais que 11 quilômetros.⁶⁶ É possível inferirmos alguns aspectos do diálogo: quem fala, do que fala e como aquele que ouve, ao falar, reflete nas palavras o cuidado para com os entristecidos discípulos.

O primeiro aspecto interessante é que o Senhor não interfere na narrativa dos dois angustiados caminhantes. Ouve atentamente todo o relato, pondo-se ao lado dos dois, numa mesma caminhada, porém com objetivos distintos. Os discípulos dirigiam-se a Emaús e Jesus ia ao encontro daquilo que os angustiava, ou seja, da própria falta de esperança de que o Messias estivesse vivo. Apesar de este anteriormente já os haver advertido que a morte e a ressurreição aconteceriam, conforme Mc.10:32-34, a compreensão dessa realidade, para os “ouvintes” do caminho, parecia algo extremamente difícil.

É a própria conversação que os une. A necessidade dos discípulos de verbalizar sentimentos frustrantes não provoca no Senhor nenhuma precipitação quanto ao que Ele

⁶⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus – contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 22p.

⁶⁵ GAEDE NETO, 2001, p. 22.

⁶⁶ A BÍBLIA ANOTADA, The Ryrie Study Bible. Tradução de Carlos Oswaldo C. Pinto. Versão Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Mundo Cristão, 1976.

deveria dizer. O que nos parece é que os andarilhos de Emaús estavam indignados com a injustiça (Lc.24:19-20) feita ao Mestre, e um dos aspectos da diaconia é justamente a promoção da justiça. Frei Beto, citado por Gaede,⁶⁷ num artigo intitulado “Diaconia Profética”, escreve que “no Terceiro Mundo este serviço chama-se justiça”, referindo-se à diaconia como exercício da equidade. É interessante pensar que o próprio ouvir pode promover justiça, assim como uma má audição pode sentenciar à morte.

O segundo aspecto é que o Senhor, ao iniciar seu discurso, o faz com uma pergunta (Lc.24:27) suficientemente capaz de imobilizar imediatamente os discípulos. É a própria perplexidade de alguém que pensa que não conseguiu ser ouvido, ou comunicar sua aflição, angústia, tristeza. Tão logo eles encerram a narrativa dos últimos acontecimentos em Jerusalém, Jesus dá início à sua fala, e no final restabelece a esperança daqueles dois seres humanos desolados. Isso é diaconia auditiva holística cristã. Jesus ouviu e falou, e suas palavras foram terapêuticas para eles. (Lc.24:32). Essa forma de agir e pensar pode ser corroborada pelas palavras de Mário Alletti:

A psicoterapia requer forte envolvimento pessoal, que encontra expressão numa comunicação verbal da parte do paciente, sem reservas preconceituosas ou censuras, direcionada a instaurar um melhor conhecimento de si, uma melhor competência dos próprios processos psíquicos, um amadurecimento das capacidades relacionais e, só consequentemente e subordinadamente, a “cura” dos sintomas.⁶⁸

O que facilmente observamos é que o Mestre utilizou-se de tudo para o qual Alletti nos chama a atenção. Resumidamente diríamos que Jesus utilizou a comunicação verbal, não tolheu quem falava, desenvolveu uma empatia pessoal marcante que permitiu a completa comunicação, ouviu o falante e devolveu a fala do que ouviu, numa forma terapêutica capaz de curar qualquer sintoma. Isso é saber ouvir integralmente. Salientamos, ainda, que, ao que nos parece, as palavras do Mestre não estavam envoltas em elucubrações filosóficas que, em vez de promoverem bem-estar, desestimulam a caminhada, metaforizada aqui qualquer caminhada da vida.

⁶⁷ GAEDE NETO, 2001, p. 25.

⁶⁸ ALETTI, Mário. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília: 2008, Vol. 24 n1 p. 117.

2.3

A diaconia do ouvir

A questão primordial para os desolados era a esperança que se havia desvanecido com a crucificação do Senhor. Estava implícito na fala dos dois o reflexo de uma compreensão apenas superficial, materialista, do que o Mestre ensinara e demonstrara durante a permanência entre os discípulos. Isso não é de se estranhar, pois mesmo os apóstolos, por vezes, desentendiam o que o Senhor lhes ensinava. Era necessário que Jesus re-significasse as próprias palavras para que seus seguidores não compreendessem equivocadamente o Reino de Deus e o serviço ao próximo, como manifestação de entendimento da mensagem maior de Deus ao ser humano. Jesus ouvia atentamente as interpretações de suas próprias palavras. Perceber a própria palavra outrora dita, mas que por algum percalço não fora entendida, e mesmo assim saber o momento certo de se pronunciar é uma das grandes virtudes que o conselheiro ou terapeuta deve alcançar. O óbvio muitas vezes nos impaciente, mas para quem fala nem tudo é tão óbvio. Segundo Otto Rank, “a psicologia materialista de Freud põe sobretudo em relevo a influência que pode exercer o conjunto dos fatores externos, ou o meio, sobre o desenvolvimento do indivíduo e a formação do seu caráter”.⁶⁹ Entendemos, então, conforme o que diz Rank, que fatores externos podem influenciar nosso modo de expressão verbal e, no caso em questão, influenciavam não apenas o comportamento dos andarilhos de Emaús mas, inconscientemente, possibilitavam uma reestruturação de caráter que descredenciaria toda a vivência histórica dos discípulos, no período em que foram “alunos” do mestre.

2.3.1

A diaconia auditiva e a história

Analisando as dimensões possíveis no serviço diaconal do Mestre, evidenciamos a misericórdia de Deus como elemento fundamental de alcance, ao menos parcial, da profundidade com que a palavra misericórdia se aplica ao contexto, sem ser proferida.

Segundo Schipani,⁷⁰ “pessoas sábias faziam a vontade de Deus e incentivavam especialmente a compaixão, a justiça e a paz”. Jesus, como sábio mestre, exerce misericórdia prática ao ouvir pacientemente o relato dos peregrinos, demonstrando que

⁶⁹ RANK, Otto. **A personalidade e o ideal**. Rio de Janeiro: EMIEL Editora, 1940, p. 10.

⁷⁰ SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

os seus seguidores, e até mesmo os meros observadores do Senhor, foram alvo dessa sábia manifestação da vontade de Deus.

Os caminhantes de Emaús se sentiram confortados à medida que ouviam as palavras do Senhor. E como quem é sábio no ouvir também o é no falar, a diaconia auditiva pressupõe a diaconia verbal. Por isso, também, os discípulos insistiram para que o Mestre ficasse com eles e não seguisse viagem. Quem se sente ouvido nas mais profundas idiossincrasias deseja que quem o ouviu esteja sempre por perto.

Não tem sido primordial a questão de ser ouvido, tratada nos diversos segmentos psicossociais, num mundo onde muitas vozes sem sentido continuam retirando dos outros o sentido de querer viver? Por mais intelectualizada que a sociedade possa vir a ser, “a voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência”.⁷¹ Essas palavras de Freud ainda repercutiriam nas pesquisas mais sofisticadas, tanto no campo da teologia como de outras ciências ligadas ao comportamento humano. Pregações, palestras, discursos, tudo que envolve a palavra e a interpretação promoveu e ainda promove o empenho de muitos estudiosos em obter a comunicação unívoca, absoluta e eficaz.

2.3.2

A diaconia auditiva e a comunidade

Quem não gosta de ouvir uma boa história? A diaconia pode se prestar tanto a ouvir a história de uma vida em conflito quanto a contar outra história que alivie a dor do aflito e transmita-lhe esperança. Isso não sugere que comparar passados desagradáveis tenha efeito terapêutico no conforto ou consolo daquele que sofre. Jesus é um bom exemplo de quem sabe ouvir e contar histórias. Mas a história, como ciência que trata dos eventos formadores das sociedades, das culturas, do passado e das épocas antigas, é que contribui na formação de conceitos que deveriam capacitar o homem a não cometer os mesmos erros de outrora e a promover melhor qualidade de vida para si.

Por trás de uma simples metáfora, de um simples gesto ou atitude registrada pelos narradores neotestamentários, podemos perceber nitidamente que os exemplos históricos usados pelo Mestre objetivavam uma qualidade de vida não observada em tempos idos e contrastante com a das futuras gerações. Saber ouvir histórias é também

⁷¹ FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 25.

perceber os componentes que a tornaram registro importante, a fim de que nessa prática o homem se torne aliado de si mesmo no desenvolvimento individual, beneficiando as gerações seguintes. É mesmo discutível a hipótese de que o cuidado necessário com a fala e a audição poderia evitar conflitos simples que acabaram se tornando guerras. Isso deveria servir como um alerta.

Não deveria existir, segundo nosso ponto de vista, diaconia auditiva que desconsiderasse o apoio da própria comunidade eclesial, porque a igreja deve procurar a integração humana social, suficientemente capaz de superar obstáculos que ainda persistem nas diversas sociedades. Schipani lembra-nos que

O enfoque está na comunidade cuidadora e nos vários contextos de cuidado (ao invés de concentrar-se exclusivamente ou até primariamente no cuidado pastoral como o trabalho do pastor). Em outras palavras, as dimensões de orientação, desenvolvimento, sustentação, reconciliação, libertação e cura do cuidado pastoral que são funções da Igreja como um todo; não apenas para o bem estar de seus membros, mas especialmente em benefício da comunidade humana maior.⁷²

O que Schipani apresenta relaciona-se diretamente com uma forma diaconal auditiva capaz de envolver toda a igreja como comunidade terapêutica, a qual, por meio do conselheiro, exerça sua função social integradora. Isso não é muito diferente do que Gaede nos faz pensar ao dizer que “a comunidade que aceita o desafio dessa identidade é na verdade a comunidade que serve”.⁷³ O desafio nada mais é do que o serviço diaconal em ação. Prossegue Gaede em sua explanação:

A perspectiva da cruz é a base para uma nova ordem na vida da comunidade das pessoas que seguem a Jesus. Esse é propriamente o tema de Mc. 10:35-45. Essa constatação fundamenta a relevância da dimensão comunitária da diaconia...⁷⁴

Saber ouvir o clamor dos aflitos distribuídos pelas várias estratificações sociais necessariamente exige um esforço não tão simples dos seguidores do modelo diaconal auditivo do Mestre. A inversão de valores até então fossilizados provocou uma reação que abalou as estruturas vigentes do poder temporal na época de Jesus. Encontramos,

⁷² SCHIPANI, 2004, pp. 78-79.

⁷³ GAEDE NETO, 2001, p. 82.

⁷³ GAEDE NETO, 2001, p. 82.

assim, uma nova direção apontada pelo Senhor, contrária à seguida por seus contemporâneos: “Ao proclamar para a comunidade de suas seguidoras e seguidores a regra do servir no lugar do exercício do poder, está propondo um contra-modelo à sociedade que vitima a maioria de seus membros.”⁷⁵ Não é de se estranhar que o discurso do Senhor tenha desagradado a elite dominante da época, o que não mudou com o passar do tempo. Na vida moderna do século XXI, qualquer discurso que questione o descaso aos menos favorecidos provocará reações que podem levar o orador à morte, nem sempre física, mas econômica, social e moral.

O necessitado de socorro precisa encontrar na comunidade dos santos o amparo necessário de pelo menos ser ouvido nas aflições e necessidades. Isso nos leva a pensar que “a igreja é desafiada a redefinir constantemente o seu agir diaconal”,⁷⁶ especialmente no que ela é suficientemente sensível e ativa para entender a dor do outro que fala. A igreja é a instituição que pode ser porta-voz atuante dos absurdos despóticos dos poderes públicos para perpetuar o sofrimento humano. Nesse tipo de serviço o conselheiro cristão não pode agir sozinho, antes promovendo a ação e mobilizando toda a comunidade a acolher todo aquele que é cerceado em seu direito de dizer e se torna um mudo funcional, por falta de quem o ouça.

2.3.3

A diaconia na fala de Jesus

Ao caminhar ao lado dos dois discípulos, Jesus não ignorou a história particular narrada por eles, a partir do entendimento de que conseguiriam obter tudo o que experimentaram ao longo do viver comunitário. Gaede lembra-nos de que quando o Senhor, na caminhada para Jerusalém (Marcos 10), anuncia por três vezes a sua paixão e morte, ouve de seus discípulos uma forte reação que demonstrava total incompreensão dos ensinamentos ministrados durante o período de caminhadas juntos.⁷⁷ Não se pode afirmar com segurança, mas parece haver pessoas que preferem as más notícias e a elas dão mais importância do que às boas novas. Tal não foi o caso dos discípulos. Mesmo sem o completo entendimento do que o Mestre dizia, a má notícia dita pelo próprio

⁷⁵ GAEDE NETO, 2001, p. 83.

⁷⁶ GAEDE NETO, 2001, p. 99.

⁷⁷ GAEDE NETO, 2001, p. 47.

Senhor produziu o efeito humanamente esperado, o mal-estar que os conduziu a uma reação explosiva.

Não ignorar os componentes históricos que constroem o arcabouço de referenciais simbólicos na audição é fundamental para que se entenda o dito do outro. A percepção histórica está presente nos mais simples ensinamentos do Senhor e não pode ser olvidada pelo conselheiro. Bens simbólicos devem ser manuseados com o máximo de cuidado durante uma audição de aconselhamento. De acordo com Don Browning, eis o pensamento de Rieff sobre o simbólico:

Rieff acredita que o simbólico controlador tende a ser o produto das elites criativas de uma cultura particular. Por simbólico controlador ele quer dizer o sistema de idéias e símbolos que organizam o potencial humano dentro de tipos previsíveis de caráter ou personalidade. Forças sociais como a tecnologia dominante da civilização, sua economia, suas mudanças sociais, suas guerras e catástrofes, certamente tudo influencia a formação do caráter moral de um povo. Mas a cristalização final do simbólico controlador sempre parece ser um ato imaginário pela superação individual ou em grupo⁷⁸ (tradução nossa).

Inferimos, então, que o Mestre soube lidar com todo o referencial simbólico em que esteve inserido durante a caminhada com os discípulos de Emaús. Em nenhum momento Ele perde de vista a importância de tudo aquilo que representava valor social e material para os seus ouvintes, e até mesmo aspectos que, mesmo não revelados nitidamente, estavam presentes no diálogo e no comportamento dos três. Isso é digno de consideração porque nos mostra claramente que o Senhor jamais deixou de levar em conta as tradições, os símbolos, os ritos e os costumes do povo, porém ampliou o significado do simbólico para que seus discípulos entendessem a profundidade da mensagem que Ele veio viver e pregar.

Ele, Jesus, via e lia a história de seu tempo, não se esquecendo de todo o passado evolutivo até que Ele entendesse e interpretasse os anseios dos ancestrais históricos representados na figura dos caminhantes de Emaús. Freud alude sobre a interligação entre presente e passado numa perspectiva de audição analítica e tal alusão podemos aplicar ao nosso estudo:

⁷⁸ Rieff believes that "controlling symbolics" tend to be the product of the creative elites of a particular culture. By controlling symbolics he means the system of ideas and symbols that organize human potential into predictable types of character or personality. Social forces, such as a civilization's dominant technology, its economy, its social changes, its wars and catastrophes, certainly all influence the formation of the moral character of a people. But the final crystallization of a controlling symbolic always seems to be an imaginative act by an outstanding individual or group. In: BROWNING, Don S. **Generative man: psychoanalytic perspectives**. New York: A Delta Book, 1975, p. 13.

[...] em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais eles julguem o futuro.⁷⁹

Talvez a ingenuidade dos caminhantes naquele tempo em que estiveram com Jesus não os tenha deixado perceber que a história do Cristo remontava a tempos anteriores aos fatos narrados e por eles vividos. O risco, então, está em desconhecer fatos que marcaram e formaram a cultura da nação. Não entender a própria história e o tempo em que se vive é fator prejudicial para quem deseja exercer a diaconia auditiva próxima da demonstrada pelo Senhor. Como um conselheiro cristão comprometido com o serviço, qualquer “suspiro” num momento de conversa pastoral pode se tornar a resposta para questões fossilizadas e jamais verbalizadas. As interjeições são um bom exemplo, no caso da língua portuguesa. O que aparentemente nada tem de significado fora do contexto, ao ser corretamente compreendido, enriquece e torna expressiva a fala, pois apesar do instinto da palavra, o ser humano ainda não conseguiu dicionarizar tudo que as emoções potencialmente podem produzir. E aquilo que a palavra não pode representar de alguma forma não existe ou não pode ser compreendido. Daí, também, a importância dos ícones, dos símbolos, dos sinais e de um simples piscar de olhos.

2.3.4

A diaconia auditiva de Jesus supera o óbvio

Imaginemos uma situação vivida pelo Senhor, em que um deficiente auditivo e com disfunção na fala tentasse externar seus anseios e angústias. Segundo Uwe Wegner, citado por Gaede, “...é necessário desenvolver a sensibilidade para a percepção além do óbvio, pois nem tudo é visível a olho nu”.⁸⁰ A invisibilidade do óbvio requer daquele que serve ao próximo um exercício perene de atenção. O próprio silêncio do outro pode ser um grito de socorro. Jesus pôde perceber que no silêncio de seu semelhante residia a dor de toda uma vida silenciosa. Quantos não teriam sido os que, sem voz ou emudecidos pelos sistemas opressores criados pelos homens, atravessaram o caminho do Senhor na esperança de serem ouvidos? E quantos não se arriscaram a ser literalmente eliminados por tentarem se aproximar do Mestre e – o que ainda se tornaria

⁷⁹ FREUD, 2001, p. 10.

⁸⁰ GAEDE NETO, 2001, p. 101.

mais drástico – seriam martirizados por crerem num Reino de amor, igualdade e paz. O óbvio não é a miséria, a fome, a mordaça e a indiferença, mas torna-se imperceptível quando o amor é reduzido a dogmas litúrgicos que anestesiam a consciência, perpetuando a fome, não só física, mas sobretudo espiritual.

É fácil reconhecer que as mulheres, as crianças, os pobres, os doentes e os desvalidos formavam uma grande massa populacional nos tempos do Mestre. Frente à liturgia religiosa reinante, eles não eram considerados da mesma espécie. Eram seres invisíveis de uma subespécie, destinados ao silêncio sepulcral ainda em vida pelos que não tinham a sensibilidade do Filho de Deus e se diziam representantes do próprio Criador. A tristeza e o descaso nem sempre são os mesmos para alguns, especialmente para os que não necessitam de socorro.

Jesus não desviava olhos nem ouvidos dos invisíveis seres humanos socialmente rejeitados. É o exemplo do bom samaritano, que segundo Gaede, além de uma ação solidária, sem preconceitos, “vê o assaltado caído à margem do caminho”.⁸¹

Trata-se de uma forma de “ver” diferente, que permite desencadear uma ação efetiva. Segundo Uwe Wener, citado por Gaede,⁸² o samaritano vê, e aqui se infere que ele também ouve o silêncio do caído, com visão e audição de misericórdia muito peculiar ao Senhor. E quem, nos dias atuais, pode se omitir frente aos descabros em que vivem tantas sociedades e culturas ao redor do mundo? Superar o óbvio, como observado no exemplo do Mestre, é viver a denúncia viva de que aquilo que para alguns é tão comum não passa de agressão velada ao desfavorecido. O conselheiro cristão deve estar atento a todo tipo de “coisas óbvias” que não se permitem vir a lume. O que agrava ainda mais essa situação é a vasta penetração nas instituições religiosas históricas da espiritualidade alheia aos moldes de Cristo, enormes ajuntamentos de crentes que deveriam ser arautos da justiça e a todo tempo se posicionarem frente a esse “óbvio” que as autoridades insistem em não enxergar.

2.3.5

A diaconia auditiva de Jesus influencia quem ouve

Um bom exemplo pode ser encontrado nos escritos de Freud, ao lermos que “só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem

⁸¹ GAEDE NETO, 2001, p. 100.

⁸² GAEDE NETO, 2001, p. 100.

reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias do que a existência depende”.⁸³ Tal foi o legado de Jesus para a humanidade inteira, deixando um exemplo que atravessa épocas, períodos, séculos. Por mais que pareça não evoluir ou extinguir-se aos poucos, continua a desafiar o tempo, como expressão máxima de humanidade a que o homem pode chegar. Sua perenidade assim se configura, mesmo porque o homem não muda de essência, apenas se traveste do que se habituaram a denominar de modernidade.

Jesus conseguiu, com sua forma ímpar de agir, tornar-se um exemplo até hoje enigmático, por causa do poder influenciador capaz de conduzir o homem à busca do semelhante, indo além do que se esperava de um filho de camponês, um trabalhador braçal, um jornaleiro qualquer. Como exemplo, nosso Mestre não induz, mas desperta a consciência dos letargicamente iludidos com discursos falaciosos, promessas etéreas, reinos imaginários.

Leonardo Boff, citado por Gaede,⁸⁴ define o próximo como quem vai além de si mesmo e se debruça sobre o outro abandonado. Nesse exemplo, que se enquadra perfeitamente na figura do Mestre, quem ouve os ensinamentos do Senhor e os pratica supera-se a si mesmo e humildemente cumpre o único mandamento necessário para o cristão: amar a Deus e ao próximo. Quem ouve os ensinamentos do Nazareno é influenciado e influenciador. É assim que o discípulo percebe que pode servir a Deus no serviço às pessoas. E que atitudes aparentemente insignificantes para alguns, como oferecer um copo de água fria ao sedento, refletem claramente a influência da diaconia do discurso prático de Jesus.

Chega a ser apavorante o nível de descaso a que chegou a raça humana. Sendo bem pessimista, jamais se notou na história das civilizações um grau tão elevado de indiferença e morbidez frente à necessidade do semelhante. O que a ciência e a religião conseguiram, nos tempos modernos, aponta que o ser humano já não possui valor algum, é material descartável, peça de reposição de baixo preço. Por isso, aquele que ouve o discurso do Mestre “diaconiza-se” sem grande esforço, sem necessidade de títulos, rótulos ou tradições fossilizadas inúteis ao clamor do sofredor. Socorrer não se torna trabalho especial na esfera de quem deseja servir, é apenas o prolongamento de seu entendimento do exemplo diaconal de Jesus.

⁸³ FREUD, 2001, p. 10.

⁸⁴ GAEDE NETO, 2001, p. 111.

2.3.6

A diaconia auditiva de Jesus percebida em outros meios científicos

A interdisciplinaridade nos evangelhos e nas ciências psicológicas é assunto que merece um estudo à parte. Não se pode negar que a teologia sustenta o mesmo princípio das ciências psicológicas, pois todas estão interessadas nas reações comportamentais da mente humana, observáveis nos relacionamentos psicossociais. A religião é, sem dúvida, um campo vasto de análise das questões transcendentais também pesquisadas por outras disciplinas científicas. O elemento complicador, no entanto, é que se a teologia não é uma ciência empírica para alguns, pelo menos desperta e provoca nas ciências humanas de cunho psicológico questionamentos sobre o modo como o personagem de um livro considerado sagrado por grande parte da população mundial consegue mobilizar sociedades ao redor de todo o mundo e estabelecer comportamentos diferentes.

A sociologia estuda os fenômenos causados pelas mais diferentes manifestações de crença e fé. A arqueologia tenta desvendar os mistérios de escritos, pergaminhos e papiros que conduzem a uma reflexão profunda que desafia a razão humana. E o mais recente fica a cargo da neuroteologia.⁸⁵

Observemos o que tem a nos dizer Rieff sobre a influência da teologia, e aqui, da teologia diaconal, com respeito ao que ela provocou ao não contribuir com o pensamento do drama humano. Assim lemos o que o escritor afirma:

Rieff afirma que Calvino e a teologia da igreja reformada produziram a tão chamada ética protestante e o homem protestante tem sido dominante no Ocidente desde o século XVI até o início do século XX. Rieff acredita que a síntese protestante agora entrou em colapso e no seu lugar surgiu a psicanálise. O que para Calvino era apoio, agora foi substituído por Freud. O simbólico freudiano e a presença revelada de seus pensamentos desviou a população em geral, através de corporações mundiais de psiquiatras e psicanalistas, que se tornaram fonte básica que alimenta o autoentendimento do homem moderno⁸⁶ (tradução nossa).

⁸⁵ NOTA: "Neuroteologia", também conhecida como **Bioteologia** ou **Neurociência Espiritual** é o estudo da base neural da espiritualidade e emoção religiosa. A meta da **Neuroteologia** está em descobrir os processos cognitivos que produzem experiências espirituais ou religiosas e relacioná-las com padrões de atividade no cérebro, como elas evoluíram nos humanos, e os benefícios dessas experiências. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neuroteologia>> Acesso em: 04 Fev. 2010. Cf. LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁸⁶ Rieff claims that Calvin and the theology of the Reformed Church produced the so-called Protestant ethic and the Protestant man which have been dominant in the West from the xisteenth to the beginning of the twentieth century. Rieff believes that the Protestant synthesis has now collapsed and that in its place has come psychoanalysis. Where Calvin stood, now stands Freud. The Freudian symbolic and the

Fica assim evidenciado que a psicanálise, como parte das ciências psicológicas, insere-se no contexto teológico pelas lacunas que a própria teologia não conseguiu suprir. E se a psiquiatria hoje se sobressai como ciência apresentada como alternativa para o sofrimento psíquico, isso também provém das falhas encontradas na teologia, que impediram a análise do transcendente de forma racional, se assim, paradoxalmente, podemos afirmar. Pois como um Deus que, na leitura de muitos, é só paz e amor, permite que catástrofes, guerras, desequilíbrios ainda aconteçam com sua criação principal – o ser humano – se este ainda não se encontrou totalmente?

Fica evidenciado, então, que a teologia perdeu terreno para outras ciências que, ao invés de minimizarem a aflição do ser humano, se utilizam de paliativos incapazes de responder aos anseios mais profundos do homem. Ou seja, como preencher o vazio existencial que cresce concomitantemente ao avanço das ciências tecnológicas?

2.3.7

Uma audição que provoca eco

A forma como os evangelhos apresentam o relacionamento de Jesus com seus contemporâneos faz-nos refletir sobre conduta e comportamento. Lalande⁸⁷ define conduta como “conduzir, governar, dirigir; e comportamento como ação reflexa, desde que observada nas espécies inferiores”. A partir daí sugerimos que a conduta de Jesus nos evangelhos influencia um número significativo de pessoas, no que eu denomino de eco auditivo da diaconia de Jesus. É interessante, nesse contexto, observar o que escreveu Wittgenstein: “Aquilo que se sabe quando ninguém nos interroga, mas que não se sabe mais quando devemos explicar, é algo sobre o que se deve refletir. [É evidentemente algo sobre o que, por alguma razão, dificilmente se reflete]”.⁸⁸

Essa reflexão do filósofo alemão sobre o saber não interrogado, mas que faz parte do pensamento humano, é limpidamente abstraída dos exemplos diaconais vividos e ensinados pelo Senhor. Não é necessário um discurso bem elaborado para entender que as pessoas são mais importantes do que objetos e bens materiais. O homem, em toda a

commanding presence of Freud's own mind, siphoned off into the general population through a worldwide corps of psychiatrists and psychoanalysts, have become the basic source feeding modern man's self-understanding. In: BROWNING, Don S. **Generative man: Psychoanalytic Perspectives**. New York: A Delta Book, 1975, p.13.

⁸⁷LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 534.

⁸⁸ WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**, it. 89. Coleção os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1989.

sua totalidade, foi o objetivo maior da diaconia auditiva de Jesus, porque rico ou pobre, necessita sentir-se integrado a alguma forma de sistema ou arranjo para se encontrar e se perceber como indivíduo pertencente a um grupo. E não foi isso o que o Senhor também fez, despertando o sentimento de cada um para o convívio fraterno de ajuda mútua por meio da diaconia? O ser humano, ao se permitir pensar questões como essas, tende a se transportar para além de si mesmo. E aquilo que seu pensamento não materializa ou significa em palavras corre o risco de não existir, posto que a dessignificação não permite o encadeamento das idéias.

2.3.8

Uma audição que provoque e tenha significado

Ao ouvir seus interlocutores, Jesus re-significa humildemente palavras até então destituídas de valor relevante. Parece que a sua audição produzia eco no ouvinte, quebrando o senso comum de representações até então jamais ampliadas e passíveis de uma nova cosmovisão. Pode parecer paradoxal que ouvir influencie tanto no comportamento e na ação humana. Não é tão simples tentar explicar por que alguns sons mexem com nossos humores, estados emocionais e até mesmo reações musculares, produzidas por impulsos elétricos cerebrais. Quem tem ouvidos e não ouve pode apenas imaginar uma comunicação sonora.

Segundo Gaede, “Jesus ao acolher um termo profano (diakoneîn), tão insignificante na época”,⁸⁹ consegue ampliar-lhe o significado para designar uma dimensão fundamental da vida comunitária e da própria história salvífica. A diaconia relaciona-se diretamente a tudo que Jesus disse, fez e ouviu. Vigotski assim explica o valor do significado das palavras: “O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento”.⁹⁰ Pode-se estabelecer, a partir da citação de Vigotski, uma relação direta com o tratamento de Gaede da ressignificação do termo diakoneîn usado por Jesus. É ainda Vigotski que diz: “Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser

⁸⁹ GAEDE NETO, 2001, p. 44.

⁹⁰ VIGOSTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp. 150-51.

visto como um fenômeno da fala”.⁹¹ O significado de que trata Vigostski e prudentemente lembrado por Gaede é de vital importância para o entendimento de que uma única palavra carrega em si a potencialidade de desenvolver ações até então ocultas para o ouvinte. E não há a menor dúvida de que Jesus sabia do poder da linguagem e da palavra mal significada ou re-significada. Danos até certo ponto irreversíveis comprovariam mais tarde, no desenvolvimento das sociedades humanas, aquilo que o Mestre já sabiamente antevia.

O que Jesus dizia e ressignificava para os ouvintes era a própria materialização de algo situado dentro deles, que por variados motivos não tinham a coragem ou a força necessária para refletir sobre o efeito do dito. O Mestre, então, de forma nem sempre delicada, mas vislumbrando um efeito construtivo, não poupava esforços no ensino da palavra falada e ouvida. O uso refletido da palavra e seu modo de emprego nos locais apropriados de significação, além de potencializá-la, alcançam os labirintos mais exóticos do pensamento humano.

2.3.9

Uma audição que desafia o contemporâneo de Jesus

Prosseguindo na caminhada auditiva, ao lado dos dois andarilhos no caminho de Emaús, Jesus, dando novo enfoque à história, “expõe a ferida da sociedade”⁹² que não soube ler, ouvir e nem interpretar os valores de seu tempo. Eram inúmeros os doentes, aflitos, famintos e necessitados não alcançados pelos “diáconos” profissionais.

Os mais ilustres intelectuais se fechavam nas masmorras interiores e se esqueciam de que “a diaconia se caracteriza pela sua abertura ao mundo, pela sua comunicação com o mundo, pela sua parceria com iniciativas que tenham a partilha como proposta”.⁹³ A diaconia está aberta ao diálogo, ao esforço de entender o que o outro tem a dizer, e nessa tentativa de comunicação buscar soluções que possibilitem um encontro com Deus, com o próprio sujeito e com o próximo. A comunicação é um ato de boa vontade e que envolve os que assim desejam se comunicar. Saber ouvir é uma arte que, com o passar do tempo, não tem sido tão valorizada como merece. Não é de se

⁹¹ VIGOSTSKI, L.S. 2000, pp. 150-51.

⁹² GAEDE NETO, 2001, p. 178.

⁹³ GAEDE NETO, 2001, p. 184.

estranhar, então, por que os seres humanos parecem perpetuar a narrativa histórica da Torre de Babel, pois cada um fala uma língua e quase ninguém se entende de verdade.

2.3.10

Uma audição que confronta a modernidade

A questão da modernidade trouxe consigo, dentre outros tantos aspectos, um que particularmente nos chama a atenção, por se referir a elementos cotidianos sociais. Assim escreve Giddens, sobre a alteração da vida social:

Altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. Surgem novos mecanismos de auto-identificação que são constituídos pelas instituições da modernidade, mas que também as constituem.⁹⁴

A dinâmica auditiva de Jesus, apesar de tão antiga, continua a desafiar os tempos atuais porque, mesmo com toda a evolução científica e tecnológica do homem, este continua se questionando sobre seu real significado neste planeta. Nem toda cultura, ciência e tecnologia conseguiu demolir a frieza dos relacionamentos observados em nossos dias. Se “a modernidade produz diferença, exclusão e marginalização”,⁹⁵ a contemporaneidade acirra esse estado de coisas. Qualquer tentativa de reverter esse avançado processo de estratificação social incorrerá em conflitos, do pensamento às vias de fato. A modernidade reduziu o homem a peça robótica, substituível no caso de não produzir o que ela criou ou está para criar. É essa modernidade que fomenta o desejo para que, ao lotear o futuro, o poder econômico ocupe área mais valorizada do que o saber humano.

A audição diaconal de Jesus, ao contrário das estruturas moldadas pelo mercado, devolve ao homem seu lugar no plano maior da criação. O ser humano Jesus demonstrou, com sua conduta de vida, que apesar da marcha da história em meio a encantos e desencantos, valorizar o semelhante ainda é o grande desafio de todos os tempos. E qualquer forma de diminuição, exclusão ou marginalização do indivíduo no contexto social deve ser combatida com as armas mais poderosas ao alcance de todos: a palavra, o discurso e o amor.

⁹⁴ GIDDENS, 2002, pp. 9-16.

⁹⁵ GIDDENS, 2002, pp. 9-16.

O modelo de diaconia de Jesus confronta a modernidade ao apresentar, nas mais variadas dimensões, aspectos que recolocam o homem no centro do universo. É verdade que o antropocentrismo pode ser narcísico, como aponta Giddens, ao comentar a modernidade: “...um tipo entre outros de mecanismo psicológico e, em alguns casos, uma patologia que as conexões entre identidade, vergonha e projeto reflexivo do eu fazem surgir”.⁹⁶ Trata-se, nessa perspectiva, do eu como centro de todas as coisas. Ao contrário, o discurso de Jesus de Nazaré conduz o homem em direção ao semelhante, não para o confronto de forças, mas para a construção mútua de uma vivência, senão pacífica por excelência, pelo menos enriquecida de misericórdia. A modernidade congela o ser, petrifica-o e despersonaliza-o, a tal ponto que este não se reconhece nem ao se deparar com a própria imagem refletida no espelho.

As dimensões práticas, proféticas e comunitárias da diaconia de Jesus ainda continuarão sendo motivo de investigação e pesquisa para os empenhados em um mundo mais justo e igualitário, independentemente de as ciências modernas procurarem ou não anular, desacreditar ou confundir a mensagem central vivida pelo Senhor. O exemplo de humanidade das narrativas do Novo Testamento continua a desafiar governos, entidades, organismos e até mesmo a falsa espiritualidade travestida de costumes e liturgias arcaicas que já não atende aos anseios de uma sociedade carente de ouvintes. Segundo Gaede, “toda vez que alguém é resgatado da exclusão, está sendo testemunhada a iminente vitória sobre a realidade injusta e revelada a presença da salvação em meio à história humana, aparentemente sem salvação”,⁹⁷ numa afirmação que corrobora o exemplo deixado pelo Mestre. Felizes os que ouvem e não se conformam com a miséria como indústria produtora de farrapos humanos.

A diaconia de Jesus também permanecerá como motivo de estudo e confrontação com as antigas e modernas realidades vividas, já que os registros encontrados nos evangelhos sobre os ensinamentos de Jesus, seu modo inovador de perceber o homem, sua prática simples de refletir verdades profundas e a aceitação de suas idéias pelas mais diferentes ordens sociais levam-nos a crer que “a diaconia se caracteriza pela sua abertura ao mundo, pela sua comunicação com o mundo, pela sua parceria com iniciativas que tenham a partilha como proposta”.⁹⁸ Isso permitirá confrontar os efeitos

⁹⁶ GIDDENS, 2002, pp. 9-16.

⁹⁷ GAEDE NETO, 2001 p. 155.

⁹⁸ GAEDE NETO, 2001, p. 184.

maléficos da modernidade, sem, contudo, dela excluir o que pode melhorar a qualidade da vida humana.

2.3.11

Prosseguindo para o alvo de conselheiro

A diaconia de Jesus, especificamente no que diz respeito à sua percepção auditiva do próprio contexto temporal e da sociedade judaica daquela época, supera qualquer tentativa de fechar questão sobre assunto tão relevante. O interesse do Mestre pelos menos favorecidos e seu empenho em resgatar o homem sempre garantirão exemplos confiáveis a quem abraçar a causa de fomentar a prática do amor no seio da sociedade.

Andar ao lado de Jesus e dos dois discípulos na caminhada de Emaús faz-nos repensar como tem sido percebida a questão da diaconia em nossos dias. Não estamos alheios ao contexto que envolveu todo o agir do Mestre nem às dificuldades de estabelecer uma conexão que faça sentido hoje, tanto no que diz respeito às suas palavras como à sua forma *sui generis* de ouvir o outro.

Pelo exposto, entendemos que ouvir o outro não é tarefa para aventureiros despreparados. A importância atribuída pelo Senhor aos que o procuravam denota que não se deve confundir a audição diaconal com outras formas terapêuticas de serviço.

O conselheiro que não tenha como princípio básico perceber os detalhes sugeridos por Jesus por meio de suas metáforas, parábolas e outras formas de significação das situações por Ele experimentadas correrá o risco de não ouvir o outro.

Isso, no entanto, não estreita o caminho a ser percorrido pelo conselheiro. Não o autoriza, portanto, na busca de instrumentalização intelectual e técnica, a lançar por terra personagens da história que, assim como Jesus, se dedicaram ao árduo trabalho de ouvir o próximo. De fato, na diaconia auditiva o primeiro a ser ouvido é o próprio conselheiro, que deve ouvir a si mesmo. Mas como fazer isso? Sugerimos a aproximação de profissionais competentes e experientes, leituras despidas de preconceitos sobre assuntos incomuns nos círculos religiosos e também sociais, como contribuições para o melhor desempenho na função de conselheiro ou diácono da audição.

A diaconia da audição exige o aparentemente antagônico: a imparcialidade parcial. Imparcialidade, porque quem ouve deve estar bem preparado para as narrativas mais desumanas. Foi assim que Jesus demonstrou o evangelho do Reino, e aqui uso o

termo *demonstrar* porque no exercício diaconal do Filho do homem o exemplo maior era Ele mesmo. Sua aparente imparcialidade fez com que muitos o considerassem glutão, amigo de pessoas de moral duvidosa e até filho de uma entidade obscura.

A parcialidade percebida ao longo desta reflexão foi a ampla defesa, pelo Senhor, dos princípios elementares para a sobrevivência humana. Em momento algum Ele abriu mão de suas convicções a respeito de Deus e do próprio homem. O risco a que o diácono da audição se expõe, quando desequilibrado em assuntos que envolvam fé e comportamento humano, é o de provocar danos irreversíveis em si mesmo e naqueles a quem deve ouvir.

Segundo nosso ponto de vista, a audição diaconal coerente promove o ser humano assim como Jesus o promoveu, não condescendo com o desvio ou o erro, mas possibilitando meios que capacitem o necessitado a melhorar sua própria qualidade de vida de modo a alcançar os semelhantes.

Não se resume tudo isso no mandamento de amar a Deus e ao próximo? Esse é o parâmetro indissociável de qualquer dimensão diacônica, facilmente percebida nos relatos sobre Jesus, e também o grande objetivo do conselheiro ou diácono da audição ao praticar a diaconia auditiva de Jesus, tornando simples o que para muitos ainda é complexo. Ou seja, o amor de Deus pela criatura ultrapassa os limites das complicadas estratégias montadas pelos homens, a fim de tornar simples e objetiva a prática do cristianismo diário, de boas obras e de amor, sem que necessariamente o conteúdo principal, o amor-caridade, torne-se apenas mais uma bela teoria, nos compêndios e tratados teológicos que mais dificultam do que facilitam a espiritualidade.

A contemporaneidade é ruidosa, e o imenso barulho que produz abafa os sinais de que a surdez emocional, social e intelectual impede os homens de se entenderem, comprometidos física, mental e espiritualmente. Se isso acontecer, será lastimável e, portanto, novos recursos de terapias auditivas devem ser pesquisados, e outros reatualizados, para que o caos não se instaure tão avassaladoramente como já se pode prever. O legado dos estudos e observações de Freud poderá abrir novos rumos para que o homem se conheça melhor e não se perca em meio aos conflitos mais íntimos.

O conselheiro necessariamente precisa olhar para o passado, não só para reconhecer caminhos não mais aplicáveis na modernidade, mas, sobretudo, para compreender nas lacunas da teoria psicanalítica a oportunidade de aperfeiçoar seu trabalho. Aprender com os equívocos é não temer as contribuições psicanalíticas – como as que veremos no próximo capítulo – que continuam válidas para o

conhecimento da psique humana, bem como encarar os novos desafios que surgirão com a evolução e dinamização de outras ciências.

Terceiro capítulo

3

Psicanálise e psicologia na prática do aconselhamento pastoral – contribuições e diferenças

Este capítulo objetiva apresentar descobertas da psicanálise capazes de contribuir no exercício do aconselhamento. Importa que o conselheiro use da melhor forma possível as descobertas freudianas sobre o aparelho psíquico. Ao saber ouvir e falar, e dotado do conhecimento que possibilite ao aconselhando sentir-se acolhido, e ao mesmo tempo impulsionado para a cura, o conselheiro cristão não deve temer a ciência psicanalítica. Como outros terapeutas que atuam nas ciências psicológicas e mentais, ele deve encarar o fato de que o desconhecimento técnico psicológico é a maior causa de fracassos em gabinetes pastorais, porque de alguma forma perpetuou-se o mito de que doenças mentais são doenças não orgânicas, produzidas por falta de algum componente químico necessário ao corpo humano,⁹⁹ ou mais arcaicamente como manifestações de entidades do mal, que se apoderam de corpos, mentes e saberes com o fim único de literalmente infernizar o homem em vida.

Procuramos, para tanto, traçar um paralelo entre psicanálise, psicologia e aconselhamento pastoral, servindo-nos do trabalho de estudiosos tanto da área das ciências psicológicas quanto da teologia, como Freud, Scheefer, Rizzuto, Foucault, Augé, Garcia Rúbio, Aletti, Tillich, Morano, Browning, Schneider-Harpprecht, Lothar Carlos Hoch e Boff, dentre outros. Essa composição de diferentes áreas objetiva o alcance do entrelaçamento das diferentes correntes terapêuticas que visam à audição de aconselhados, crentes ou não.

3.1

O aparelho psíquico conforme Freud

Embora nosso objetivo não seja o estudo profundo da formação do aparelho psíquico, tal qual apresentado por Freud, consideramos importante vislumbrar, mesmo que superficialmente, uma das descobertas mais interessantes no campo das ciências que lidam com a psicologia humana, e em especial, no nosso caso, a psicanálise freudiana.

Para perceber algo da estrutura psíquica humana, da teoria da personalidade, como modelo puramente psíquico, é necessário entender as duas teorias básicas do aparelho psíquico desenvolvidas por Freud. Esse aparelho, segundo apresentado por ele, “tem um sentido ou direção”.¹⁰⁰ O que nos interessa nesse ponto é perceber que a direção toma parte de uma extremidade sensorial rumo a uma atividade motora.¹⁰¹ Ou seja, as percepções sensoriais permitem que registremos como atos reflexos o que captamos ao longo de nossa existência. Assim, quanto ao que é sensorial, Freud fez o seguinte registro em seus escritos:

Pois na psicanálise, não temos outra opção senão afirmar que os processos mentais são inconscientes em si mesmos, e assemelhar a percepção deles por meio da consciência à percepção do mundo externo por meio dos órgãos sensoriais.¹⁰²

Esse acúmulo de informações nos conduz ao raciocínio freudiano no que tange à formação do inconsciente. Ele empregou a palavra “aparelho” para caracterizar uma organização psíquica dividida em sistemas, ou instâncias¹⁰³ psíquicas, com funções específicas para cada uma delas, que estão interligadas entre si, ocupando certo lugar na mente.¹⁰⁴ Nas palavras do próprio Freud, “representaremos o aparelho mental, como um instrumento composto, a cujos componentes daremos o nome de ‘instâncias’ ou (por

⁹⁹ FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1968, p.7.

¹⁰⁰ FREUD, Sigmund. **A psicologia dos processos oníricos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. V, capítulo VII, Imago, Rio de Janeiro, 1972, p. 573.

¹⁰¹ FREUD, 1972, p. 573.

¹⁰² FREUD, Sigmund. **Justificação do conceito de inconsciente**. Edição Eletrônica 2.1 das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. XIV.

¹⁰³ [“Instanzen”, literalmente “instância”, num sentido semelhante àquele em que a palavra tem na expressão “Tribunal de Primeira Instância”]. FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Imago, Rio de Janeiro, vol. V - Capítulo VII – A psicologia dos processos oníricos. p. 573.

¹⁰⁴Disponível em: < <http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

amor a maior clareza) ‘sistemas’”.¹⁰⁵ Em grego, “tópos”¹⁰⁶ quer dizer “lugar”. O modelo tópico, portanto, designa um “modelo de lugares”, dos quais Freud descreveu dois: a Primeira Tópica, conhecida como Topográfica, e a Segunda Tópica, ou Estrutural.¹⁰⁷ Freud não se preocupou em situar uma região no cérebro como local específico das instâncias psíquicas. Apenas utilizou-se do modelo tópico para que a descrição da formação do inconsciente não se tornasse mais complicada do que já parecia ser.

Na Primeira Tópica, inspirada pela análise dos sonhos e da histeria, Freud apresenta-nos os três sistemas que compõem o aparelho psíquico e a personalidade: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.¹⁰⁸

3.2

O inconsciente (das Unbewusst, unbewusst)

Segundo Freud, “o inconsciente é uma pequena parte do que denominamos mente humana”,¹⁰⁹ o que sugere que se trata de um conceito simples. Ledo engano, pois o próprio pai da Psicanálise assim se refere ao inconsciente:

O inconsciente abrange, por um lado, atos que são meramente latentes, temporariamente inconscientes, mas que em nenhum outro aspecto diferem dos atos conscientes, e, por outro lado, abrange processos tais como os reprimidos, que, caso se tornassem conscientes, estariam propensos a sobressair num contraste mais grosseiro com o restante dos processos conscientes.¹¹⁰

É de vital importância para a compreensão de uma das partes mais importantes do aparelho psíquico que “a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente é pressuposição fundamental da psicanálise.”¹¹¹ O que podemos observar é que “nele estão registrados os atos psíquicos que carecem de consciência, principais determinantes da personalidade, fontes de energia psíquica, pulsões e instintos”.¹¹² Isso pode parecer

¹⁰⁵ FREUD, Sigmund. 1972, p. 573.

¹⁰⁶ HOUAISS, Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/primeiratopica.html>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov. 2009

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acesso em: 25 nov. 2009

¹¹⁰ FREUD, Sigmund. **Vários significados do inconsciente**. Obras psicológicas completas. Edições Eletrônicas 2.0 Vol. XIV. Imago, Rio de Janeiro, 1972.

¹¹¹ MIJOLLA, Alcain de. **Dicionário Internacional da psicanálise. Conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições**. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 940.

¹¹² Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov. 2009

como algo simples de ser alcançado, mas a grande questão se estabelece quando se observa que, de certa forma, muito do que está em nosso inconsciente, se assim podemos inferir, deseja tornar-se consciente. E nós, por alguma razão até então inconsciente, só tornamos consciente aquilo que, de certa forma, não cause sofrimento. Querer e não querer saber quem se é continua sendo o drama da psique humana.

É no inconsciente que se encontram elementos impedidos, de alguma forma, de se tornar conscientes. Em dado momento essas forças emocionais censuradas ou reprimidas tornam-se conscientes, desfazendo uma sequência de elos inconscientes e encerrando, assim, uma cadeia de descontinuidade psíquica. “O inconsciente não é apático nem inerte, havendo uma vivacidade e imediatismo em seu material”.¹¹³ Contudo, embora tal dinâmica mental esteja presente, “este material não é esquecido nem perdido porém não é permitido ser lembrado”.¹¹⁴ O acesso a esses pensamentos continuam recebendo estímulos, mesmo que não conscientemente. “O pensamento ou a memória ainda afetam a consciência, mas apenas indiretamente”.¹¹⁵ Interessante é observarmos que, segundo as pesquisas de Freud, “o inconsciente não é uma segunda consciência estranha em nós, mas que existem atos psíquicos que são privados de consciência, distinção importante que coloca o acento sobre o ato e não sobre a reflexividade”.¹¹⁶

Segundo Freud, o inconsciente é constituído pelos sonhos, esquecimentos de palavras ou nomes, lapsos, atos falhos em geral e chistes, expressando-se por esses meios. Segundo as próprias palavras do pai da psicanálise,

Se olharmos para os desejos inconscientes reduzidos à sua mais fundamental e verdadeira forma, teremos de concluir, fora de dúvida, que a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material.¹¹⁷

É importante observar que o inconsciente, ou o sistema inconsciente, consegue se abstrair do que chamamos de tempo lógico. Esse pensamento é confirmado por Freud:

Os processos do sistema inconsciente são intemporais, ou seja, não se apresentam ordenados cronologicamente, não são modificados pelo transcurso do tempo e não têm absolutamente nenhuma relação com este

¹¹³ Disponível em: < <http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acesso em: 25 nov.2009

¹¹⁴ Disponível em: < <http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acesso em: 25 nov. 2009

¹¹⁵ Disponível em: < <http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acesso em: 25 nov. 2009

¹¹⁶ MIJOLLA, Alcaín de. 2005, p. 943.

¹¹⁷ MIJOLLA, Alcaín de. 2005, p. 943.

último. A relação temporal também está ligada ao trabalho do sistema consciente¹¹⁸.

Assim, tanto o sistema inconsciente como o consciente estão interligados, mas a manifestação do inconsciente para uma percepção consciente não é simples. A obtenção do conhecimento das estruturas que compõem o aparelho psíquico apresentado por Freud contribui para que a escuta pastoral não fique apenas no dito pelo aconselhando, mas percorra caminhos mais profundos, apresentados pelo não verbal. Noto uma grande contribuição da psicanálise como instrumento que possibilita ao conselheiro cristão se dispor a investigar com maior critério e rigor os motivos de desconforto psíquico-existencial ao aconselhando. Tomar conhecimento dessas técnicas é também demonstrar interesse e valorizar o outro como a si mesmo.

3.3

O pré-consciente (das vorbewusste, vorbewusst)

No pré-consciente, localizam-se as partes do inconsciente capazes de se tornar conscientes. “É a área das lembranças que a consciência precisa para desempenhar suas funções”.¹¹⁹ Podemos inferir que, “estritamente falando, o Pré-Consciente é uma parte do Inconsciente”.¹²⁰ O pré-consciente está eivado de experiências, passíveis de trazer “lembranças, nomes, locais outrora freqüentados, datas, nossos alimentos prediletos, o cheiro de certos perfumes e uma grande quantidade de outras experiências passadas”.¹²¹ Esse pré-consciente “do ponto de vista metapsicológico, funciona como uma forma de barreira que não permite tão facilmente que os processos inconscientes passem para o pré-consciente sem que sofram alguma transformação”.¹²²

¹¹⁸ MIJOLLA, Alain de. 2005, p. 944.

¹¹⁹ Disponível em: < <http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

¹²⁰ Disponível em:< <http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acesso em: 25 nov. 2009

¹²¹ Disponível em:< <http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acesso em: 25 nov. 2009

¹²² Disponível em: < <http://akhenaton.sites.uol.com.br/psicanalise.htm>> Acesso em: 07 fev. 2010

3.4

O consciente (bewusst)

Por fim, o consciente é a pequena parte da mente que inclui tudo de que estamos cientes em dado momento histórico.¹²³ Esse momento particular, denominado de atividade psíquica, é composto dos estímulos gerados a partir da percepção pré-consciente até a consciência, a qual, num determinado instante, possibilita a tomada de decisões que poderão repercutir na vivência futura. Para Freud, “a consciência não é um estado permanente, mas sim transitório”.¹²⁴ Isso leva-nos a pensar que na “consciência” nossas reações podem ser entendidas e qualquer ação desenvolvida, de certa forma, estará sob o nosso controle. Mas com isso não podemos afirmar que o trabalho de perceber o que é consciente destitua-se de outros componentes que o conduziram àquele momento perceptivo.

3.5

A segunda tópica

A segunda tópica, que surgiu após 1920, é sistemática, estrutural. Freud apresenta uma visão tripartite da mente em três instâncias: o id, o ego e o superego.¹²⁵ Esses três componentes é que fornecerão à teoria psicanalítica os recursos para que o aparelho psíquico apresentado por Freud continue sendo objeto de estudo nas mais variadas ciências ligadas à psique humana. O id (ou o isso) é o polo pulsional da personalidade humana, em que se localizam as energias psíquicas iniciais, do ponto de vista econômico. “O ponto de vista econômico constitui, com os pontos de vista tópicos e dinâmicos, um dos três eixos principais da metapsicologia.”¹²⁶ Nele são abordados os fatos psíquicos sob o ângulo da intensidade das forças que os percorrem e os animam.¹²⁷

¹²³ Disponível em: < <http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

¹²⁴ FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p.84.

¹²⁵ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

¹²⁶ Nota: é um conceito trazido por Freud em 1986, que pode ser explicado como uma associação entre os elementos da teoria psicanalítica e as experiências vividas na clínica.

Disponível em:< <http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=metapsicologia>> Acesso em: 06 Fev. 2010.

¹²⁷ MIJOLLA, Alcain de. 2005, p. 533.

O que nos chama a atenção no ponto de vista econômico de Freud é que tal ponto compõe-se de forças específicas (pulsões) que percorrem o aparelho psíquico variando de intensidade, a qual age, por vezes, em termos de constituição, por causa de reforços ligados ao desenvolvimento de traumatismos em particular. A oposição ou combinação dessas forças é que o ponto de vista econômico descreve como jogo de forças e intensidades resultantes do movimento.¹²⁸ Talvez nesse pensamento em particular possamos inferir que tais forças pulsionais permitem perceber o prazer e o desprazer.

Já na questão do id, Freud apresenta três novos pontos de vista. O primeiro está ligado à sua dinâmica, que se relaciona com as funções do ego e com os objetos, abarcando realidades exteriores e introjetadas. Por sua vez, id e ego se relacionam com o superego de modo um tanto conflituoso, mas que possibilita ao id uma interação de aliança com o superego.¹²⁹ Já do ponto de vista funcional, o que rege o id é justamente o princípio desorganizado do prazer e das paixões, o próprio caos na personalidade, por estar ligado ao processo primário de formação desta.¹³⁰ E do ponto de vista topográfico, percebemos que o id coincide virtualmente com o inconsciente, sendo reconhecido como o polo psicobiológico da personalidade, fundamentalmente constituída pelas pulsões de vida e de morte.¹³¹ A pulsão de morte não foi objeto intenso de estudo do próprio Freud.

O ego (eu) é outra instância que compõe a segunda tópica de Freud. Do ponto de vista tópico, o ego depende tanto das reivindicações do id como dos imperativos do superego e das exigências da realidade. Sua autonomia é apenas relativa.¹³² Porque o ego depende de toda a estrutura psíquica para se manter e desempenhar sua função no equilíbrio emocional do indivíduo. Em ação, atinge o corpo com sua percepção sensorial, e que por vezes ao reagir apresenta a realidade que o indivíduo até então não havia percebido por si só, tentando regular os desejos e impulsos que o indivíduo tem dificuldade em controlar. De certa forma, o ego está a serviço do id numa busca incessante de não contrariar o superego.

¹²⁸ Cf. MIJOLLA, Alcaïn de. 2005, p. 534.

¹²⁹ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

¹³⁰ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

¹³¹ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

¹³² Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009

Do ponto de vista econômico, o ego surge como fator de ligação dos processos psíquicos, mas nas operações defensivas as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário: assumem um aspecto compulsivo, repetitivo, irreal.¹³³ Na questão dinâmica do ego, representa o polo defensivo da personalidade, que considera ainda os afetos desagradáveis, sinal das angústias.¹³⁴

O superego ou supereu, como mais uma das instâncias da personalidade, é descrito por Freud, metaforicamente, como juiz ou censor do ego. O pai da psicanálise vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideias funções do superego. De uma forma clássica, ele se define como herdeiro do complexo de Édipo e constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais.¹³⁵

Apesar de toda a complexidade na elaboração e definição das funções apresentadas no aparelho psíquico de Freud, tanto na primeira como na segunda tópica fica claro que essa estrutura didática facilita muito a apreensão da dinâmica do psiquismo humano. A forma como os elementos que constituem a personalidade do indivíduo e os caminhos pelos quais as energias psíquicas (catexias)¹³⁶ são elaboradas continuam fazendo da mente humana alvo de pesquisa para quem que se propõe desvendar os segredos da alma, e assim, também curá-la.

3.6

Freud e a escuta psicanalítica. Saber escutar e escutar sabendo.

Por mais constrangedor que pareça ser, no campo da religião, a importância das pesquisas de Freud no que se refere à elaboração do aparelho psíquico e da estruturação do inconsciente, a escuta psicanalítica desenvolvida por Freud é uma das ferramentas que proporcionaram os maiores avanços no campo das ciências empíricas, principalmente as psicológicas.

¹³³ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009.

¹³⁴ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov.2009.

¹³⁵ Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acessado em: 20 nov.2009.

¹³⁶ Catexia é o processo pelo qual a energia libidinal disponível na psique é vinculada a ou investida na representação mental de uma pessoa, idéia ou coisa.

Disponível em:< <http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acessado em: 25 Nov. 2009

Assim, o conselheiro pastoral deveria fazer uso do que existe de positivo nas descobertas freudianas, para melhor atender ao aconselhando, pertença este a algum seguimento religioso ou não. Oscar Pfister¹³⁷ recebeu do próprio Freud uma correspondência datada em 9 de fevereiro de 1909, na qual o pai da psicanálise expressava sua percepção sobre religião e psicanálise da seguinte forma: “A psicanálise em si não é religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores”.¹³⁸

A psicanálise não tem, claro está, interesse em ser reconhecida como parte de uma estrutura religiosa, mas se propõe analisar os fenômenos que a manifestação religiosa provoca na saúde psíquica do indivíduo religioso, ou seja, se em ritos e cultos manifesta-se algum sintoma que prejudique aquele que crê. De forma bem clara, Freud deixa transparecer que a religião é uma organização com poderes metafísicos suficientemente fortes para conduzir uma massa incauta a práticas irracionais, pondo em risco não só a saúde psíquica do indivíduo, mas também sua integridade física.

O termo psicanálise, segundo Tillich,¹³⁹ “tem sido usurpado pela escola de Freud como se ninguém mais pudesse usá-lo”. O conceito não deixou de acompanhar as “descobertas básicas de Freud, principalmente no que concerne ao inconsciente”,¹⁴⁰ e a teologia encarregou-se semanticamente disso, “relacionada de maneira muito especial com a psicanálise, principalmente na função de aconselhamento”.¹⁴¹ Tal relação teologia-psicanálise, segundo o próprio Tillich, “mostra-se intimamente ligada ao movimento existencialista do século XX”,¹⁴² pois para ele “as duas disciplinas não andam em caminhos separados, mas se interpenetram”.¹⁴³

A lucidez desse pensamento se justifica, pois ambas, psicanálise e teologia, têm como objeto de pesquisa algo que as transcende: no caso da teologia, trata-se do pensamento humano, que se situa para além do físico e, numa tentativa de sistematização equilibrada, recorre às fontes históricas catalogadas; e no caso da psicanálise, as manifestações do inconsciente, que se apresentam nos atos falhos, nos

¹³⁷ Oscar Pfister. Doutor em filosofia e doutor *honoris causa* em teologia. Nasceu em Zurique em 23 de Fevereiro de 1873.

¹³⁸ FREUD, Ernst L. & Meng, Heinrich (Org). **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939) – um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Viçosa –MG, Ultimato, 1998, p. 25.

¹³⁹ TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. Fonte Editorial, São Paulo, 2009, p. 161.

¹⁴⁰ TILLICH, Paul. 2009, p. 161.

¹⁴¹ TILLICH, Paul. 2009, p. 162.

¹⁴² TILLICH, Paul. 2009, p. 162.

¹⁴³ TILLICH, Paul. 2009, p. 163.

chistes, nos sonhos e nas descargas pulsionais das forças libidinais (a palavra libido aqui não se restringe ao erotismo, mas refere-se a energias em funcionamento no aparelho psíquico).

Perceber a relação entre psicanálise e teologia pode contribuir para a melhor qualidade da escuta durante a sessão de aconselhamento pastoral, pois os dois métodos terapêuticos estão interessados em eliminar ou, pelo menos, minimizar o mal-estar do aconselhando. Foi isso que Pfister descobriu e registrou em uma carta enviada a Freud no dia 18 de fevereiro de 1909, expressando sua alegria: “Foi para mim uma grande satisfação saber, através de sua comunicação, que entendi corretamente a tarefa da psicanálise, de ser, no fundo, um método de cura de almas”.¹⁴⁴ Observamos então que teologia e psicanálise estão imbuídas de um sentimento que tem como princípio dignificar o ser humano, tratando-o de tal forma que os desconfortos e angústias não sejam relegados a um plano irrelevante na composição da qualidade de vida do homem.

O termo psicologia profunda é raramente utilizado hoje em dia para substituir a técnica psicanalítica de análise, que se encontra diretamente ligada aos eventos do inconsciente “com suas raízes na teoria e na práxis freudiana”.¹⁴⁵ Isso nos leva a pensar que a psicanálise pode e deve ser entendida também como parte importante desse conceito. “Ela trabalha igualmente com símbolos, mitos e é constantemente aplicada às pesquisas religiosas, principalmente no campo da interpretação do Novo Testamento...”.¹⁴⁶ Qualquer religião tem seu sistema de símbolos e dogmas, que a diferencia de outra e isso é passível de verificação especialmente no que diz respeito à saúde mental e psíquica dos seguidores e praticantes das mais diversas religiões.

A psicanálise se interessa pelos valores simbólicos encontrados nas religiões e pelo efeito desses símbolos sobre o imaginário da comunidade, examinando a alteração que tais elementos processam no comportamento do grupo ao criarem êxtases que permitem uma percepção mais nítida das manifestações do inconsciente. A questão religiosa é tão importante nos escritos freudianos que, segundo Théo Pfimmer (1982), são encontradas mais de quatrocentas citações bíblicas ao longo de toda a obra de Freud.

¹⁴⁴ FREUD, Ernst L. & Meng, Heinrich (Org). 1998, p. 27.

¹⁴⁵ <Disponível em: <<http://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-profunda/>> Acessado em 20 Nov. 2009.

¹⁴⁶ <Disponível em: <<http://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-profunda/>> Acessado em 20 Nov. 2009

Quando tratamos a audição psicanalítica desenvolvida por Freud como instrumento à disposição do conselheiro cristão, não incorremos na ingenuidade de aceitar toda a teoria psicanalítica freudiana como isenta de aspectos antagônicos a essa fé. Ao contrário, por entendermos que o modelo de terapia estudado e desenvolvido por Freud contribui para a qualidade do trabalho do conselheiro cristão, e que a escuta e a habilidade para lidar com as mais variadas demandas do gabinete pastoral podem ser subsidiadas pela técnica psicanalítica freudiana é que buscamos o aporte da psicanálise. Segundo Pfister, “um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis”.¹⁴⁷ Portanto, se a psicanálise for encarada como adversária da teologia ou da religião judaico-cristã, proporcionará, pelo menos, um desconforto que levará teólogos e conselheiros a se inteirarem do assunto. O estímulo, vindo assim pela via do oposto, seria como uma tentativa apologética de defender a fé em detrimento das teorias psicanalíticas. E se tais teorias questionam as manifestações religiosas, teremos uma perspectiva mais apurada do que realmente as pessoas creem. Para tanto é necessário que essas pessoas sejam ouvidas sem nenhum preconceito. Saber ouvir é, portanto, primordial tanto para analistas quanto para conselheiros.

3.6.1

Saber escutar

O que seria, então, para o conselheiro cristão, praticar a audição considerando a psicanálise como possibilidade? Segundo Mario Aletti,¹⁴⁸ saber escutar deve estar isento de qualquer parcialidade possível. E é essa neutralidade que permitirá ao conselheiro escutar com maior clareza o aconselhando por meio de um discurso muitas vezes obscuro para este. A análise da verbalização do aconselhando exige do conselheiro o entendimento da diferença entre dois verbos: ouvir e escutar.

Essas duas palavras podem parecer sinônimas. Das conotações encontradas no dicionário Houaiss para os dois termos, destacamos as seguintes: ouvir é “perceber (som, palavra) pelo sentido da audição; escutar”;¹⁴⁹ Escutar é “estar consciente do que está ouvindo, ficar atento para ouvir, dar atenção a”.¹⁵⁰ Portanto, escutar é um ato mais

¹⁴⁷ FREUD, Ernst L. & Meng, Heinrich (Org), 1998, pp. 146-147.

¹⁴⁸ ALETTI, Mário. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, 2008, Vol. 24 n. 1, pp. 117-126.

¹⁴⁹ HOUAISS. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa 1.0

¹⁵⁰ HOUAISS. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa 1.0

profundo do que simplesmente ouvir, estando implícito nesse ato que quem escuta está “consciente” do que se diz, o que nem sempre está claro num gabinete pastoral ou *set* analítico para o que fala. Quem fala pode repetir histórias, narrar fatos, exprimir vivências sem, contudo, perceber o que subjaz ao dito e tem valor importante na conduta e no comportamento.

O que parece simples ganha contornos de complexidade ao observarmos o que nos diz Aletti com respeito à neutralidade do que escuta (no caso, o conselheiro). Assim lembra-nos Aletti:

Faz parte da neutralidade também saber escutar. Muitas vezes indo além das palavras, para colher a verdade do não-dito, na não-verdade do dito; a “talking cure”, de que fala Freud, é análise do discurso, mas também das lacunas do discurso: os esquecimentos, as preterições, as redundâncias...¹⁵¹

O professor italiano refere-se também à necessidade de não cortar o fio discursivo do aconselhando, que precisa explicitar o incômodo:

Saber escutar significa não só saber colher o incômodo, mas também deixar que ele se expresse nas palavras do paciente, em seu próprio formular-se, no processo em que o sofrimento se torna palavra, evitando o recurso fácil a formas de silenciamento do sujeito.¹⁵²

Não constitui esforço inválido entender que durante o aconselhamento pastoral instrumentalizado pela psicanálise, a escuta pastoral só se viabiliza com alguma imparcialidade capaz de garantir a escuta do que está para ser expresso pelo aconselhando. O conselheiro “deve saber escutar, estar atento, ser compreensivo, objetivo, imparcial, autêntico e desinteressado”.¹⁵³ O aconselhando se dispõe a verbalizar o desconforto, crendo que aquele que o escuta está devidamente habilitado para conduzi-lo a uma melhor percepção de si mesmo, e que durante o tratamento na sessão do gabinete pastoral ou no *set* analítico a fala bem ouvida constitui socorro em meio ao sofrimento.

O conselheiro cristão assemelha-se ao analista que utiliza a terapia freudiana clássica ao observar as três técnicas principais da psicanálise: a confrontação, a

¹⁵¹ ALETTI. 2008, p. 124.

¹⁵² ALETTI. 2008, p. 124.

¹⁵³ MORANO, Carlos Domínguez. **Crer depois de Freud**. São Paulo, Loyola, 2003, p. 281.

interpretação e a reconstrução.¹⁵⁴ O componente comum a essas fases é o medo do aconselhando ou analisando de lidar com o seu verdadeiro eu, “ao permitir que lembranças, desejos, pensamentos e atitudes reprimidos aflorem à consciência”.¹⁵⁵

Assim, o trabalho do conselheiro é o de ajudar nesse árduo caminho da descoberta de si mesmo. Essa tarefa exige preparo, empenho e, acima de tudo, responsabilidade na condução desse processo que pode agravar uma situação desfavorável, tornando-a psicologicamente irreversível. É o que sabiamente nos lembra Rizzuto ao dizer que “nenhuma mente humana possui a capacidade de destruir uma representação. A mera tentativa de fazê-lo poderia nos levar à loucura!”.¹⁵⁶

As representações mentais re-significadas na conversa pastoral remontam a vivências fixadas no passado ou podem vir a ser o início de uma formação traumática que mais adiante se apresentará como sintoma. O trauma, nas palavras de Freud, “é toda impressão ou vivência que provoque afetos penosos de medo, susto ou vergonha e que o sistema psíquico tem dificuldade para resolver por meio do pensamento associativo ou por reação motora.”¹⁵⁷ Portanto tratar o trauma exige do conselheiro o desempenho hábil na reconstrução dos elementos causadores. Não é em função do ato em si, mas das possíveis sequelas futuras que prevenir danos continua sendo uma boa maneira de evitar que enfermidades já ultrapassadas ganhem conotação de endemias modernas a serviço de interesses nada éticos.

3.6.2

Escutar sabendo

As transformações por que passa o mundo contemporâneo estão além da compreensão ou do domínio. Uma sociedade em que “o fenômeno religioso em toda a sua pujança é hoje antes de tudo o triunfo da sacralização do imaginário em vias de globalização”¹⁵⁸ não admite a religiosidade que pelo menos não tente materializar o que é espiritualmente transcendente, seja por meio de comportamentos mais ou menos

¹⁵⁴ HURDING, Roger F. **A árvore da cura. Modelos de aconselhamento e de psicoterapia.** São Paulo. Edições Vida Nova. 1995, p. 84.

¹⁵⁵ HURDING, 1995, p. 84.

¹⁵⁶ RIZZUTO, Ana-Maria. **O nascimento do Deus vivo – um estudo psicanalítico.** São Leopoldo: Sinodal: EST, 2006, p. 114.

¹⁵⁷ Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/4.26.3.1.htm> Acesso: 05 fev. 2010.

¹⁵⁸ JOSAPHAT, Frei Carlos. **Falar de Deus e com Deus – caminhos e descaminhos das religiões hoje.** São Paulo: Paulus, 2004, p. 15.

bizarros, seja recorrendo a uma linguagem metafórica que permita ao religioso abstrair o que não é representável por outras vias de comunicação. Esse imaginário fabricado em laboratórios e ilhas de edição afetou de tal maneira o pensar e o comportamento humano que “aí pelos anos 50, no imediato pós-guerra, quando a mídia retomava seu surto vertiginoso, falava-se do advento de uma sociedade de imagem”.¹⁵⁹ Não é difícil inferir que o estímulo ao imaginário pode também tornar-se uma ponte de desequilíbrio na vivência real cotidiana. Essa percepção de uma nova forma de ver o imaginado é extremamente significativa. Assim, lembra-nos Josaphat:

De início, as imagens pareciam seduzir olhos e ouvidos. O que muita gente nem notou foi o jeito bom, sorrateiro e astuciosamente criativo que a mídia tem de fazer o homem à sua imagem, conquistando-o dia a dia, sobretudo noite e mais noite, plasmando-lhe a imaginação, a afetividade e mesmo o inconsciente.¹⁶⁰

O conhecimento das transformações por que passam os comportamentos mais íntimos relacionais da sociedade implica no entendimento de que mesmo inconscientemente o imaginário compromete-se diretamente nas possíveis manifestações do inconsciente que naturalmente surgem durante a sessão de aconselhamento religioso. O conselheiro que tende a sacralizar o não sacralizável pode muito facilmente contribuir para que o aconselhando que não se percebe numa nova relação entre o que é sagrado hoje e o que era sagrado antes perpetue seu conflito interior na escolha ou na formação do que é convencionalizado como sacro. O conselheiro traz ao aconselhando algo que devolve a este uma esperança que pode ou não estar oculta.

Segundo Erich Fromm, apud Browning, “a esperança é o elemento central do caráter produtivo”¹⁶¹ (tradução nossa). O conselheiro, por trabalhar com a perspectiva e a expectativa da cura, não está alheio ao significado dos elementos simbólicos tornados sagrados para o aconselhando. De fato, no aconselhamento pastoral o aconselhando deseja que sua esperança não se desvaneça, seja qual for o motivo que o levou a procurar o conselheiro. Como força que capacita ao movimento curativo, Fromm afirma que a esperança é “a capacidade de ver e apreciar todos os sinais de uma vida nova”¹⁶² (tradução nossa).

¹⁵⁹ JOSAPHAT, 2004, p. 15.

¹⁶⁰ JOSAPHAT, 2004, p. 15.

¹⁶¹ *Hope is a central element of the productive character.* BROWNING, Don S. *Generative man: Psychoanalytic Perspectives.* New York, A Delta Book, 1975, p. 130.

¹⁶² *The capacity to see and cherish all signs of new life.* BROWNING, 1975, p. 131.

É a esperança de uma nova vida ou um novo comportamento existencial que impulsiona, muitas vezes, o aconselhando à busca do aconselhamento capaz de estimulá-lo a vencer os obstáculos do cotidiano. A esperança está fortemente ligada à fé que assegura a realização das possibilidades. Por isso nem a esperança nem a fé devem ser entendidas como elementos vazios e irracionais.¹⁶³

No exercício da escuta, o conselheiro percebe que o seu trabalho está envolto em elementos simbólicos trazidos pelo aconselhando, e que esse valor simbólico, seja ele qual for, influencia diretamente no entendimento e no comportamento do aconselhando. Especialmente quando se trata de pessoas religiosas, que trazem no imaginário símbolos sagrados que se tornam sensíveis a qualquer alteração de significado, o cuidado torna-se ainda maior. Quanto a esse aspecto do simbólico e do inconsciente, numa relação entre aconselhamento cristão e uso da teologia pelo ministro religioso, cabem as considerações de Morano:

[...] o inconsciente não entende nada de teologia e é perfeitamente capaz de revestir-se de qualquer uma delas para mascarar propósitos inconfessáveis. [...] ultrapassar os limites do imaginário para alcançar o simbólico não é garantido simplesmente pelo acesso às melhores teologias.¹⁶⁴

Por isso, a escuta envolve elementos que perpassam não só a decodificação de expressões verbais, mas a captação do que é dito nas entrelinhas da vida, das vivências, dos comportamentos e das épocas, e a percepção de que mesmo assim o aconselhando é único nesse universo de possibilidades. Há de se considerar também que “a patologia mental exige métodos de análise diferentes dos da patologia orgânica, e que é somente por um artifício de linguagem que se pode emprestar o mesmo sentido às ‘doenças do corpo’ e às ‘doenças do espírito’”.¹⁶⁵

¹⁶³ BROWNING, 1975, p. 131.

¹⁶⁴ MORANO, 2003, p. 319.

¹⁶⁵ FOCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p. 17.

3.7

A psicanálise e a psicologia a favor do aconselhamento pastoral. Sem medo de psicanalisar pastoralmente.

A psicologia e a psicanálise não precisam ser temidas pelo conselheiro cristão, desde que seu usuário não as veja como “o método” único e infalível no acompanhamento do aconselhando. Em relação ao método, leiamos Harpprecht: “Os métodos têm que capacitar clientes para conscientizar-se sobre a sua situação e procurar soluções solidárias a partir da fé cristã”.¹⁶⁶ Isso não pode ser ignorado pelo conselheiro.

Sabemos que o aconselhamento pastoral difere do psicológico e psicanalítico, por considerar a vivência espiritual do aconselhando, mesmo que este não tenha uma vida religiosa praticante ou regular. No entanto, isso não inviabiliza nem descarta o uso sábio de técnicas psicanalíticas e psicológicas. A seguir apresentamos alguns métodos psicológicos utilizados nos diversos meios terapêuticos seculares e a possível relação de alguns deles com o aconselhamento pastoral, sem que este venha a perder sua identidade e objetividade.

O risco a que se expõe o conselheiro só será alto se este não tiver convicções firmes. Quem sabe em quem crê e não se deixa influenciar por outras correntes filosóficas descomprometidas com a consolidação da fé cristã não deve temer se aventurar nos caminhos do aconselhamento e da psicologia pastoral. Não se deve minimizar a capacidade dos aspirantes ao aconselhamento eficaz, mas tampouco ignorar que muito do que a psicologia e a psicanálise nos apresentam, com recursos de retórica e discursos bem elaborados, pode causar dúvidas no exercício de uma fé prática. Como tratamos no segundo capítulo, a diaconia auditiva não tem como modelo o método, mas a própria vivência do Senhor.

O que a terapia deve propiciar é um acompanhamento eficiente ao cliente/aconselhando, e que este se expresse sem medo, algo aparentemente simples a princípio, mas de fato uma valiosa chave para as curas psíquicas. Acrescentamos aqui a afirmação de Gilbert Durand, citada por Kalu:

A terapia propicia o espaço para que pensamentos e sentimentos esquecidos e incontroláveis encontrem palavras e gestos e sejam discutidos de tal modo

¹⁶⁶SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento pastoral. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal – Aste, 2005, p. 316.

que sejam superados e esquecidos de maneira saudável. Além disso, o terapeuta não considera que o seu trabalho se assemelhe ao do Sacerdote ou diretor escolar, segundo a definição dos paradigmas contemporâneos, religiosos ou políticos. Quem cuida dessas facetas da culpa é o Estado e a Igreja. Uma pessoa pode vir voluntariamente a um confessor e executar as penitências de acordo com a religião, e pode ir voluntariamente para prisão e cumprir as exigências do presídio, explícitas e inferidas. Mesmo depois disso, ela pode sentir um resquício de culpa inconsciente¹⁶⁷

Constatamos então que o local da terapia também contribui para que o cliente/aconselhando encontre as forças necessárias para se manifestar livremente, sem censura ou inibições. Talvez seja esse o ponto que determinará a boa terapia.

3.7.1

A prática do aconselhamento pastoral utilizando a psicanálise. Mais um recurso a favor do aconselhando

Na prática do aconselhamento pastoral os limites com o método psicanalítico devem estar bem claros para o conselheiro cristão. O entendimento desses limites sem preconceitos fossilizados e tradições ultrapassadas pode contribuir no atendimento ao aconselhando, possibilitando-lhe atendimento equilibrado e cristão. Não é pelo fato de Freud se dizer ateu que toda a sua pesquisa sobre o inconsciente deva ser desvalorizada. Sua seriedade, cientificamente comprovada em grande parte de sua clínica, tornou o material adquirido e registrado um tesouro precioso para gerações futuras.

Ao ler Freud, entenderemos a responsabilidade que pairava sobre o pai da psicanálise ao falar de assuntos ligados ao inconsciente, à psique humana e à possibilidade de as mais diversas doenças se desenvolverem a partir da má orientação educacional, social e, por que não dizer, religiosa. No capítulo *O Inconsciente – justificação do conceito de inconsciente*, lemos:

Nosso direito de supor a existência de algo mental inconsciente, e de empregar tal suposição visando às finalidades do trabalho científico, tem sido vastamente contestado. A isso podemos responder que nossa suposição a respeito do inconsciente é necessária e legítima, e que dispomos de numerosas provas de sua existência.¹⁶⁸

¹⁶⁷ DURAND, apud KALU, Singh. **Conceitos da psicanálise. Culpa**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ediouro. São Paulo: Segmento Duetto, 2005, p. 63.

¹⁶⁸ FREUD, Sigmund. **O Inconsciente. Justificação do conceito de inconsciente**. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. Edição Eletrônica 2.1 vol. XIV., p. 192.

As pesquisas de Freud não foram tentativas aventureiras, antes descortinaram para as gerações futuras um leque enorme de possibilidades que levariam a novas descobertas do grande mistério que é a mente humana. As provas de Freud da existência de uma instância inconsciente estão presentes, já que, segundo ele,

Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem parapraxias¹⁶⁹ e sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como um sintoma psíquico ou uma obsessão nas doentes; nossa experiência diária mais pessoal nos tem familiarizado com idéias que assomam à nossa mente vindas não sabemos de onde, e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como.¹⁷⁰

O conselheiro cristão, no uso das descobertas freudianas, não põe em risco a fé do aconselhando, desde que reconheça que sua fala contém muito mais do que ele pensa verbalizar. Consciente disso, o conselheiro procura desvendar junto ao aconselhando os motivos desencadeadores das angústias e sofrimentos vividos.

Conscientizar o aconselhando de atos até então inconscientes (latentes) é possibilitar a cura da doença que talvez, durante anos, o fez padecer de sintomas e complexos que jamais seriam trazidos à baila a não ser pelo método psicanalítico freudiano ou outro método criado a partir da descoberta do inconsciente e da elaboração do aparelho psíquico, como tentativa didática de explicação do funcionamento das formações mentais.

O que pretendemos, ao expor reflexões que julgamos importantes para o conhecimento do conselheiro cristão, objetiva principalmente facilitar o encontro com algo mais difícil de ser apreendido num estudo solitário. Cabe nessa questão o alerta de Hebreus 13:3: “Lembrem-se dos que estão na prisão, como se aprisionados com eles; dos que estão sendo maltratados, como se vocês mesmos estivessem sendo maltratados”.¹⁷¹ Esse deve ser o elemento catalisador de quem pretende exercer a função de conselheiro cristão, ou seja, buscar o bem-estar do aconselhando.

Ainda podemos acrescentar o que Freud nos lembra sobre os estados mentais:

¹⁶⁹ Nota: parapraxias (atos falhos) têm um significado psíquico pleno e revelam muito mais do que se possa supor superficialmente. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/psychology/1618571-parapraxias-atos-falhos-confer%C3%A4ncia-ii>> Acesso em: 09 Fev. 2010.

¹⁷⁰ FREUD, Sigmund. 1972. Edição Eletrônica 2.1 vol. XIV p. 192.

¹⁷¹ **Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida, 2000.

A consciência torna cada um de nós cômico apenas de seus próprios estados mentais; que também outras pessoas possuam uma consciência é uma dedução que inferimos por analogia de suas declarações e ações observáveis, a fim de que sua conduta fique inteligível para nós.¹⁷²

É lúcido entender que cada aconselhando carrega consigo a própria história, indiscutivelmente particular, e mesmo que os fatos pareçam os mesmos ou tenham se desenrolado de maneira idêntica a de outros, isso não tornará o aconselhamento uma produção em série e admitindo um único tratamento. Para cada aconselhamento o conselheiro deve atentar para essa singularidade significativa na compreensão de uma história de vida.

Com isso enfatizamos que o objetivo maior na conversa pastoral é a pessoa do aconselhando. Sua história não é ele, apenas relata a vida até o momento em que, sem explicações simplórias, ele procurou junto ao conselheiro o alívio de viver bem consigo mesmo, com Deus e com o próximo. O conselheiro cristão que se instrumentalizar tecnicamente para melhor servir não apenas se valorizará, mas demonstrará com seu trabalho que o respeito e a dignidade humana devem ser encarados como ato diaconal que nosso Mestre muito bem deixou registrado, não em palavras ou teorias etéreas, mas num compromisso de vida que nos permite entender o amor ao próximo.

3.7.2

Freud e sua percepção do transcendente

Quais seriam as contribuições da psicanálise freudiana e de outros psicanalistas no trabalho de conselheiro cristão? Não são poucos os protestantes que veem no pai da psicanálise um dos maiores inimigos da Igreja, julgando-o mesmo como uma espécie de anticristo pós-moderno. Contudo, se observarmos imparcialmente alguns aspectos do método psicanalítico freudiano, descobriremos que muito do conhecimento transmitido pelas escrituras sagradas foi também a base para que o pensamento de Freud se transformasse no que hoje é a psicanálise.

Partamos da própria teoria freudiana sobre a percepção e formação do inconsciente na vida do ser humano: “Há muito tempo é do conhecimento comum que

¹⁷² FREUD, Sigmund. 1972. Edição Eletrônica 2.1 vol. XIV pp. 194-195.

as experiências dos cinco primeiros anos de uma pessoa exercem efeito determinante sobre sua vida, efeito que mais tarde pode enfrentar”.¹⁷³

Se as primeiras impressões captadas pela criança (sensoriais, psíquicas, de prazer e desprazer etc.) são passíveis de representação e ressurgimento na vida adulta, cabe aqui lembrar que Freud teve na primeira infância um contato não pouco significativo com a Bíblia.

Ana Maria Rizzuto¹⁷⁴ destaca alguns desses momentos, dentre os quais lançaremos mão de apenas dois, por se tratar de matéria extensa, própria de um estudo específico das impressões de Freud sobre o monoteísmo judaico, a religião e a Bíblia.

O primeiro deles diz respeito ao presente que Jakob Freud, pai de Sigmund, deu-lhe quando este tinha apenas sete anos de idade: uma bíblia de Philippon.¹⁷⁵ O que a leitura da bíblia causou em Freud, muito significativo, foi registrado por Rizzuto:

Em 1935, Freud reconheceu quão significativa foi para ele essa primeira exposição à Bíblia: “meu profundo envolvimento com a história da bíblia (particularmente tão logo aprendi a arte de ler) teve, como percebi muito depois, um efeito permanente sobre a direção de meu interesse”.¹⁷⁶

Se as primeiras impressões da vida são inconscientemente preservadas até a vida adulta, podemos entender, pelas reflexões registradas em sua obra, que Freud teve na sua infância algum material de ordem religiosa. Exemplos do pensamento de Freud acerca da religião são encontrados em seus livros *Totem e tabu* (1912-13) e *Moisés e o monoteísmo* (1937-39), dentre outros escritos.

Talvez o reconhecimento de que o homem busca na transcendência uma explicação para a existência nos auxilie na compreensão de tantas interrogações sobre nossa vivência passada e perspectivas futuras. Cabe aqui um pensamento profundo de Leonardo Boff sobre imanência e transcendência:

O ser humano é um ser nunca pronto, por isso não há antropologia, há antropogênese, que é a gênese do ser humano. Nessa experiência emerge aquilo que somos, seres de imanência e de transcendência, como dimensões de um único ser humano. Imanência e transcendência não são aspectos

¹⁷³ FREUD, Sigmund. 1997, p. 109.

¹⁷⁴ RIZZUTO, Ana-Maria. **Por que Freud rejeitou Deus? Uma interpretação psicodinâmica.** São Paulo, Loyola, 2001, pp. 95-110.

¹⁷⁵ Nota: para maior conhecimento do assunto sugiro a leitura do capítulo 5 da obra citada na ref. 151

¹⁷⁶ RIZZUTO, 2001, p. 60.

inteiramente distintos, mas dimensões de uma única realidade que somos nós.¹⁷⁷

A psicanálise tenta auxiliar o conselheiro no equilíbrio que as revelações do inconsciente trazem à consciência do aconselhando. Não percebemos aqui concorrência entre aconselhamento pastoral e psicanálise, mas apenas outro método de audição que também pode ser utilizado pelo conselheiro, desde que este dissocie audição analítica de audição pastoral. Como já demonstramos, o método psicanalítico é apenas um, dentre outros. A audição pastoral trata de aspectos diferentes do conteúdo analisado, pois a direção de um aconselhamento pastoral volta-se primeiramente para uma prática de fé capaz de responder às questões espirituais do aconselhando em particular, e não a um grupo.

Referindo-se à práxis psicanalítica e à práxis pastoral, recorremos a Morano:

A psicanálise nasce e encontra sua mais plena justificação numa relação interpessoal particular: a relação que se estabelece entre um psicanalista e um analisando, na qual efetivamente tem lugar o ato psicanalítico por excelência. A associação livre sobre um divã, a atenção livremente flutuante e a neutralidade do analista, assim como a interpretação das defesas inconscientes, tudo isso no seio da experiência transferencial, constituem o arcabouço básico da psicanálise e o único espaço onde ela pode encontrar justificação.¹⁷⁸

Para o conselheiro cristão, o que se apresenta como agente facilitador no processo de aconselhamento é justamente a relação interpessoal estabelecida livremente entre ele e o aconselhando. É o que Morano chama de “experiência transferencial”. No caso do aconselhamento pastoral, a própria relação de pastor e membro tende a minimizar as resistências, pois se pressupõe que ambos já estão de certa forma num nível mais elevado de relacionamento, embora isso seja apenas possibilidade, e não regra. Essa “não transferência” pode ocasionar o mascaramento do que outrora motivara o aconselhando a procurar o conselheiro.

As resistências que devem ser quebradas em qualquer forma terapêutica de acompanhamento psicológico ou pastoral são claramente evidenciadas nos ensinamentos de Freud, pois são essas resistências que inibem o aconselhando a se sentir seguro nas demandas. Na verdade, no *set* analítico ou na conversa pastoral deve ficar bem claro que a presença do profissional é justamente uma das funções a ele

¹⁷⁷ BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência – o ser humano como um projeto infinito**. Rio de Janeiro, Sextante, 2000, p. 26.

¹⁷⁸ MORANO, 2003, p. 263.

atribuídas para que essa resistência não impeça o aconselhando de alcançar a cura. Para o aconselhando, parece um jogo de querer e não querer saber. O conselheiro, conhecendo esse detalhe, tenta efetivar no menor tempo possível a quebra dessa resistência.

Quanto à práxis pastoral como beneficiária da psicanálise, Morano não poupa esforços ao lembrar que a psicanálise pode ser aplicada nos mais variados meios culturais, inclusive na própria experiência religiosa. Em suas próprias palavras,

A partir dessa práxis essencialmente experiencial e relacional, é elaborada toda uma teoria psicológica – denominada por Freud “metapsicologia: –, que também possibilita uma aplicação do método a outros campos da atividade humana. Surge assim a psicanálise aplicada aos diversos setores da cultura, entre os quais a experiência religiosa é, como vimos, um de seus mais importantes beneficiários¹⁷⁹.

Infelizmente o que temos notado em nosso momento contemporâneo é uma exploração sem precedentes da fé comum que, ao invés de libertar os acometidos por enfermidades mentais – no caso, neuroses – continuam perpetuando os mais diversos tipos de doenças mentais como as obsessões, as manias depressivas, as paranoias, as psicoses alucinatórias, as hebefrenias e as catatonias, que vão se tornando parte de alguns cultos e celebrações de instituições religiosas.¹⁸⁰

Essas enfermidades adquiridas ou perpetuadas têm feito com que a própria fé cristã caia em descrédito. Não são poucos os meios de comunicação que se aproveitam desses distúrbios organizacionais, refletidos nas manifestações obsessivas e neuróticas de seus membros no serviço religioso, para convencer os menos avisados de que a igreja é uma associação de neuróticos devidamente conhecidos e registrados num rol de membros que se sentem seguros do Reino dos Céus graças à instituição religiosa.

3.7.3

Situando a fé na psicanálise ou a psicanálise na fé

As questões de fé que surgem durante o aconselhamento pastoral devem ser entendidas como o exercício de um comportamento que vê na crença a solução para o mal-estar vivido pelo aconselhando. A ciência psicanalítica não tem qualquer interesse

¹⁷⁹ MORANO, 2003, p. 263.

¹⁸⁰ FOUCAULT, Michel. Doença mental e psicologia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda., 1968, pp. 10-11.

de pesquisa na fé em si, segundo Garcia Rúbio, porque “a psicanálise não questiona a fé senão a nossa relação com a fé, seja qual for o modo como esta se elabore racionalmente”.¹⁸¹ A importância disso consiste em que se pode perceber o limite entre questões psicanalíticas e questões de gabinete pastoral. Mas em nenhum momento entendemos que o aconselhamento religioso leve em consideração apenas o que se relaciona à religião propriamente dita, e sim à sua prática. Ainda com relação à fé, Garcia nos chama a atenção:

Ora, a fé dom de Deus é resposta da pessoa humana, não existe pairando no ar, desvinculada das raízes profundas afetivas do ser humano. É aqui, então, que a psicanálise pode ajudar a teologia, não questionando os enunciados da fé (o que não compete à psicanálise), mas sim a pessoa crente que vivencia esses enunciados.¹⁸²

Percebemos, assim, que o interesse que une psicanálise e aconselhamento pastoral ultrapassa aspectos ligados somente à fé e, como Garcia nos faz entender, abrange as relações afetivas observáveis no comportamento do aconselhando na prática dessa fé. Por essa vertente o que importa é que fique claro para o aconselhando que este não deve ter uma “falsa consciência”¹⁸³ de si mesmo, ou um “autoengano”,¹⁸⁴ o que é passível de uma deformação da realidade material e até espiritual, podendo atingir questões que envolvam a sua própria identidade de sujeito.

Faz-se necessário entender que as representações e manifestações cúlticas estão repletas de aspectos afetivos e mnêmicos, que se não forem bem entendidos poderão produzir desequilíbrios mentais significativos. Segundo o pai da psicanálise,

As representações são investimentos – baseados em traços mnésicos –, ao passo que os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga cujas manifestações finais são percebidas como sensações. A afetividade, acrescentou Freud em nota, manifesta-se essencialmente na descarga motora, secretora, reguladora vascular, destinada à modificação interna do próprio corpo, sem relação com o mundo exterior. Vamos reencontrar aí toda a questão das neuroses atuais, se bem que não seja explicitamente citada.¹⁸⁵

Inferimos que a igreja presta um serviço importante no que se refere ao autoconhecimento do aconselhando e ao seu comportamento individual e social. Um

¹⁸¹ RUBIO, Garcia. **Superação do infantilismo religioso**. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, ano VI, n. 12, 2002, p. 307.

¹⁸² RUBIO, 2002, p. 307.

¹⁸³ MORANO, 2003, p. 92.

¹⁸⁴ RUBIO, 2002, p. 307.

¹⁸⁵ MIJOLLA, Alcain de. 2005, p. 944.

bom acompanhamento pastoral que não entre em atrito com o método psicanalítico poderá minimizar os danos psíquicos tão enfatizados por Freud com respeito à religião. A igreja não deve se transformar em “fábrica de neuróticos” e o aconselhamento pastoral é um dos recursos disponíveis para que isso não aconteça. Ser conselheiro é estar ciente de toda essa responsabilidade pela saúde mental da instituição.

A importância da psicoterapia pastoral nos dias atuais se deve, também, ao papel da igreja de comunidade apta a socorrer ao que sofre, independentemente do tipo de infortúnio. Mas nem sempre foi assim, pelo menos no pensamento de Sandro Spinsanti,¹⁸⁶ que faz a apresentação do livro de Hanna Wolf, *Jesus psicoterapeuta*, no qual lemos:

Um indício do lugar de destaque assumido pela psicoterapia, no nosso sistema de vida, encontramos-lo na evolução de sua relação com a religião. Não se pode negar: as instituições religiosas não favoreceram a difusão da psicoterapia. De modo geral, encaravam-na com desconfiança. Reação essa perfeitamente compreensível, se considerarmos que, tradicionalmente, aqueles que, levados pelo mal-estar interior, desejavam mudar seus sentimentos ou seu modo de vida e de pensar, recorriam, na maioria dos casos, a uma experiência religiosa. A mudança era interpretada como uma modificação do relacionamento com a divindade. Ao sacerdote era reservado um papel de intermediário, nesse processo.¹⁸⁷

As divergências entre psicanálise e aconselhamento pastoral podem ser repensadas – a despeito da aparente inconciliabilidade entre as duas disciplinas – mesmo ao se tratar de aconselhados ateus. Segundo Rubio,

Não há, contudo, um vínculo indissolúvel entre psicanálise e ateísmo [sobre o ateísmo de Freud]. Outros defensores do método psicanalítico não encontraram incompatibilidade entre a psicanálise e a abertura a um sentido transcendente para a vida humana. De fato, sabemos hoje que se trata de um método investigativo do dinamismo subterrâneo da psique e de procura da cura do paciente, que independe da negação ou aceitação de Deus.¹⁸⁸

Concordamos com Rubio no que diz respeito à busca de um tratamento que vise realmente à cura do “paciente-aconselhando”, tornando-o apto para enfrentar os diversos obstáculos da vida, quer esteja esse paciente interessado na resolução de problemas de ordem secular, quer preocupe-se com a vivência cristã, quer afirme não ter crenças. É constante a busca do equilíbrio psíquico necessário ao homem, a fim de

¹⁸⁶ Nota: Professor de Teologia Moral na Faculdade de Medicina de Roma da Universidade Católica do Sagrado Coração.

¹⁸⁷ WOLFF, Hanna. *Jesus psicoterapeuta*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 6.

¹⁸⁸ RUBIO, 2002, p. 305

entender-se e conviver com seu semelhante, e como métodos de investigação dos porões da mente humana, a psicanálise e a teologia têm muito a contribuir para o equilíbrio emocional e social do homem. Tal procedimento e disposição só serão alcançados se a cura da alma for possível, e a figura do conselheiro espiritual mantém sua vital importância na orientação e no empenho para essa cura.

Fé e psicanálise devem se respeitar nessa busca do bem-estar do homem. Se a psicanálise revelar algum fundamento de uma fé distorcida, geradora de sintomas do mal-estar do aconselhando, estará aliada à fé, pois esta também pressupõe basicamente a crença de que o homem pode ser melhor, se com sua prática de fé consegue promover o bem-estar social. Isso nos faz lembrar o que disse Albert Schweitzer:

[...] respeito à vida é a única ética verdadeira, humana, universal. E tal esquecimento gera uma corrupção da vida coletiva cada vez maior, por causa de uma insensibilidade brutal e irresponsável. Por sua vez, esse embotamento da consciência, que sufoca todo e qualquer sentimento, faz com que as pessoas não mais se perguntem qual o valor das coisas, mas se preocupem tão somente com aquilo de que podem tirar proveito pessoal. Isto quer dizer regredir totalmente às formas de comportamento indignas do homem.¹⁸⁹

É da vida que tratamos durante todo este estudo. Uma vida mental que proporcione a consciência de que se a religião não alcançar o objetivo proposto, ou seja, a união entre o transcendente e o ser finito, transforma o homem no escravo de si mesmo. Tal servidão não tolhe a liberdade de ir e vir, mas a liberdade de reconhecer no outro parte de si mesmo. Tal me parece ser o cerne do pensamento de Schweitzer: não permitir que a alienação tecnológica roube o lugar do coração sensível, e nesse vazio existencial o nada seja dominante e os sentimentos, os afetos e o amor sejam considerados apenas reações químicas controladas nos laboratórios espirituais chamados igrejas.

3.7.4

O pastor psicanalista e o aconselhamento pastoral

O pastor interessado no estudo da psicanálise e no véu do inconsciente que ela remove entende que o método psicanalítico não deve influenciar em nada a sua conduta de conselheiro, já que o conselheiro cristão, mesmo psicanalista, sabe estabelecer os

¹⁸⁹ SCHWEITZER, apud WOLFF, Hanna, 1990, p. 109.

limites entre a própria prática de aconselhamento pastoral, que obedece às relações entre fé e prática, e o método psicanalítico freudiano. É o que nos lembra Santos,¹⁹⁰ ao dizer que “o evangelho não nos pede que sejamos bons, mas que amemos.”¹⁹¹

O mundo moderno tem conseguido produzir uma subespécie de seres que se dizem humanos, frutos da morbidez meticulosamente trabalhada nos laboratórios especializados em comportamentos humanos de massa. Quanto a isso, ainda podemos buscar exemplo nas palavras de Schweitzer: “Esses e muitos outros são os condicionamentos e os ônus coletivos que propagam formas mórbidas de tipo depressivo, as quais atingiram uma intensidade sem precedentes”.¹⁹²

A mente humana é um dos mistérios que a ciência não conseguiu decifrar por completo, mas o método psicanalítico tem contribuído para que o ser humano possa se encontrar em meio ao turbilhão de conceitos, descobertas, terapias e manifestações tão antagônicas de religiosidade. Esse antagonismo relaciona-se aos mais diferentes cultos e formas de organização que surgiram no último século. Formas que não se limitam a sugerir o que fazer, mas que buscam uniformizar o pensamento e as atitudes das mais variadas sociedades da dita aldeia global.

O aumento do número de cristãos com depressão é alarmante, mas qual o motivo desse crescimento, quando a mensagem do evangelho é de paz e amor? Mais uma vez buscamos a experiência de Albert Schweitzer no que se refere à depressão. Vejamos como ele trata a frieza com que os seres humanos se encontram como sociedade:

A depressão é essencialmente uma forma neurótica de aflição. A pergunta logicamente é: o que, de fato, aflige essas massas humanas? É perceber que, cada vez menos conseguem viver em plenitude como seres humanos. É também a sensação, há muito tempo descoberta, de, como membros de um grupo mais amplo, se terem tornado, da mesma forma que a árvore e o cordeiro, objetos a serem simplesmente desfrutados. Movidos pela ânsia do consumismo em relação ao mundo que as cerca, a de mero utilitarismo, a questão tornou-se, há muito tempo, vital para tais pessoas.¹⁹³

Os tempos modernos continuam revelando que a aflição neurótica, amplamente estudada e debatida por Freud e tantos outros psicanalistas, está longe do mínimo paliativo que permita suportar as pressões sociais impostas pelos pretensos donos da

¹⁹⁰ Nota: Hugo N. Santos. Doutor em Psicologia, professor titular no Instituto Universitário ISEDET (Argentina).

¹⁹¹ HOCH, Lothar Carlos; Herimann, Thomas, 2008, p. 31.

¹⁹¹ AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção**. Campinas, Papirus, 1997, p. 71.

¹⁹² SCHWEITZER, apud WOLFF, Hanna. 1979, p. 109.

¹⁹³ SCHWEITZER, apud WOLFF, Hanna. 1979, p. 111.

verdade e do poder. Por essa e outras razões o pastor psicanalista ou o psicanalista pastor consegue ultrapassar o básico nas relações sociais e estruturas institucionais constituídas.

O conselheiro psicanalista, consciente das fronteiras entre psicanálise e religião, habilmente saberá lidar com essa fronteira tão tênue. E aqui, mais uma vez nos ajuda Hugo N. Santos, ao escrever sobre a importância do ser humano na perspectiva divina que olha além da superfície: “A glória de Deus não está em conflito com o bem do ser humano. O bem da pessoa está acima de todas as coisas. Deus não aceita aquilo que faz sofrer ou deformar o ser humano e, muito menos, que isso se faça em seu nome”.¹⁹⁴

O pastor psicanalista não se permite duvidar da fé, e nem mesmo sua forma de aconselhar está distante dos princípios bíblicos que a teologia elucida e tenta racionalizar para que a fé não se apoie em fantasias, ilusões e se torne apenas mais uma ferramenta de manobra das massas carentes de esperança e amor.

A maturidade do conselheiro deve se refletir no seu autoconhecimento e também na sua capacidade de entender que “o terapeuta é no máximo um catalisador que pode acelerar o que deve ser um processo de autoterapia”.¹⁹⁵ Concordamos com Augé, pois entendemos que o aconselhamento é apenas outro caminho para conduzir o aconselhando a uma maturidade de vida que o permita trabalhar questões relacionadas ao passado e ao presente, preparando-o para os passos seguintes da existência. Conselheiro e aconselhando buscam coerência de vida, pois é no equilíbrio coerente entre espiritualidade e razão que o cristão se prepara para o futuro.

O pensamento de Augé corrobora o que acabamos de expor: “[...] o desenvolvimento de um sentido coerente de nossa história de vida é um meio fundamental de escapar à escravidão do passado e abrir-se para o futuro”.¹⁹⁶ O conselheiro conhece e aceita o desafio de contribuir na orientação de atitudes que serão ou não tomadas pelo aconselhando, buscando recursos para melhorar sua competência e seu desempenho na arte de aconselhar. Saber tirar proveito da psicanálise para utilizá-la no gabinete pastoral é um dos sinais de que o conselheiro está maduro para exercer sua função, não se deixando influenciar por métodos que tornem o aconselhando ainda mais confuso nas tomadas de decisão, sem, contudo – e isso é ainda pior – instrumentalizá-lo para se defender das forças tão bem elaboradas de indução de massa.

¹⁹⁴ HOCH, Lothar Carlos; Herimann, Thomas, 2008, p. 31.

¹⁹⁵ AUGÉ, 1997, p. 71.

¹⁹⁶ AUGÉ, 1997, p. 71.

O pastor-teólogo-psicanalista-conselheiro sabe que “tomar conta de nossas próprias vidas envolve risco, porque significa enfrentar a diversidade de possibilidades abertas”.¹⁹⁷ Isso nos faz perceber que o aconselhamento é também expor os riscos, os possíveis fracassos a que todos, inclusive o cristão, estão sujeitos. O conselheiro procura convencer o aconselhando sobre a condição psíquica como fator determinante para uma vida madura e equilibrada. Dada essa responsabilidade, é necessário que o conselheiro espiritual não passe apenas por formação acadêmica, mas por vivências aliadas a teorias e práticas seguras de terapia, que façam diferença num mundo que clama silenciosamente por socorro psíquico. A mente não tem voz, cor, raça, nem escrita. O que ela faz é usar a palavra, as expressões corporais e os sintomas físicos para dizer: “Por favor, ensine-me o caminho das palavras não dicionarizadas, pois meu vocabulário é parco frente à minha angústia e aflição”. Lágrimas são palavras não dicionarizadas. Ser conselheiro cristão é ser intérprete e tradutor do desconforto da alma.

O vazio existencial surge com a autoconsciência do homem como ser que não se basta, e essa noção se faz presente desde os primórdios de sua vida na terra. Entretanto essa lacuna na alma tem alcançado proporções marcadas pelo desespero à medida que a civilização se desenvolve no aspecto tecnológico. Se a estruturação pré-moderna em torno da família, a qual proporcionava o reconhecimento do indivíduo como pertencente a um grupo conhecido e, no entanto, incapaz de saciar o vácuo existencial, a modernidade, ao extirpar do homem a vinculação aos grupos tradicionais, bem como desalojá-lo de um tempo e de um espaço concretos, arrasta-o para uma perda crescente de referenciais preciosos, no mínimo confundindo sua identidade. A exacerbação desse movimento na modernidade tardia provoca os piores efeitos conhecidos na psique, no que se refere ao relacionamento do homem consigo, com o outro, com a natureza e com o transcendente. Na contraposição a essa continuidade perversa é que o aconselhamento pastoral se alia à psicanálise, devolvendo, como catalisadora da trajetória inversa, o conforto ontológico perdido. Tal simbiose se viabiliza, de um lado pela motivação psicanalítica de reestruturar o inconsciente “esburacado”, e por outro, pela determinação do aconselhamento cristão em ministrar o preenchimento desse hiato por meio de uma relação progressivamente positiva com o fundamento da fé.

¹⁹⁷ AUGÉ, 1997, p. 72.

3.8

Síntese das características gerais da evolução dos métodos de aconselhamento psicológicos apresentados por Ruth Scheffer¹⁹⁸

Julgamos importante apresentar uma pequena síntese de alguns métodos de aconselhamento psicológico elaborados por Ruth Scheffer, justamente para que o conselheiro perceba que os métodos são apenas tentativas de aperfeiçoar o trabalho de aconselhamento. Em cada método o conselheiro observará o que lhe seja mais eficiente, dependendo do caso que esteja ouvindo, para também não se tornar inflexível frente às novas técnicas terapêuticas.

Método autoritário: ordenar, proibir, repreender, ameaçar.

Método exortativo: termo de compromisso e promessas formais como estímulo para modificação de atitudes.

Método sugestivo: repressão da problemática por encorajamento e suporte.

Catarse: verbalização de problemas e vivências emocionais conscientes e inconscientes a alguém que proporcione aceitação e compreensão.

Método diretivo: o orientador dirige a entrevista, seleciona os tópicos, define os problemas, descobre as causas, sugere soluções e planos de ação, baseando-se na orientação médica.

Método interpretativo: esclarecimentos a respeito das motivações (às vezes inconscientes) de comportamentos e atitudes.

Método não diretivo: o orientador dirige a entrevista, visando ao amadurecimento emocional e não apenas à solução de problemas; focaliza o conteúdo emocional expresso pelo cliente; proporciona atmosfera propícia para a autodeterminação do orientando.

Método eclético: emprega, simultaneamente ou não, os vários métodos, de acordo com a natureza do problema e a necessidade do cliente.

¹⁹⁸ SCHEEFFER, 1973, p.27.

3.8.1

O aconselhamento psicológico

Na obra intitulada *Aconselhamento Psicológico*,¹⁹⁹ Ruth Scheefffer apresenta definições da palavra “aconselhamento” de acordo com a interpretação de vários teóricos da psicologia. Também faz parte da obra a evolução dos diferentes métodos por eles utilizados, como se pode observar acima.

A autora cita diversos especialistas ligados à psicologia, tais como Annette Garret, Carl Rogers, Mac Kinney, E.L. Tolberg e Erick Erickson, entre outros, e a perspectiva de cada um quanto ao significado da palavra “aconselhamento”. Dentre as definições apresentadas e o método utilizado, duas delas nos chamaram a atenção por estarem, segundo entendemos, mais nitidamente ligadas à função de conselheiro cristão. Uma é de Carl Rogers e outra, de Erick Erickson.

Para Carl Rogers, aconselhamento é “uma série de contatos diretos com o indivíduo com o objetivo de lhe oferecer assistência na modificação de suas atitudes e comportamento”.²⁰⁰ Embora Rogers defina aconselhamento em termos de encontros psicológicos terapêuticos, tal visão não é conflitante com o que entendemos como aconselhamento pastoral. No gabinete pastoral, além da espiritualidade do aconselhando, intrinsecamente está envolvido o aspecto psicológico que diz respeito ao exercício ou não da fé. O conselheiro considera os dois aspectos como possibilidades do bom conselho ou direção para o aconselhando. A questão relevante é a da flexibilidade do conselheiro para empregar o melhor método, o mais eficiente em cada caso de aconselhamento.

Rogers acrescenta a seu comentário: “Aconselhamento é usado nos meios educacionais e psicoterapia nos meios psicológicos e clínicos, por psicólogos clínicos”.²⁰¹ Assim, de certa forma o aconselhamento pastoral tende a ser mais didático-pedagógico do que terapêutico, caso o conselheiro se prenda apenas às questões superficiais conscientemente trazidas pelo aconselhando. Mas se o conselheiro estiver atento aos reais motivos do aconselhando ao procurá-lo, ele necessariamente deverá ter uma audição diferente, ouvindo mais profundamente o que o aconselhando tenta

¹⁹⁹ SCHEEFFFER, Ruth. **Aconselhamento psicológico**. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S.A. 4 Ed. 1973 pp. 10-26.

²⁰⁰ SCHEEFFFER, 1973, p. 13.

²⁰¹ SCHEEFFFER, 1973, p. 15.

transmitir por palavras. Quanto a esse ouvir mais profundo, lembra-nos Alfred Benjamim:

Ouvir de verdade é um trabalho difícil, implicando muito pouca coisa de mecânico. Ouvir exige, antes de mais nada, que não estejamos preocupados, pois se estivermos, não podemos dar uma atenção plena. Em segundo lugar, ouvir implica em escutar o modo como as coisas estão sendo ditas, o tom usado, as expressões, os gestos empregados. E mais, ouvir inclui o esforço de perceber o que não está sendo dito, o que apenas é sugerido, o que está oculto, o que está abaixo ou acima da superfície. Ouvimos com nossos ouvidos, mas escutamos também com nossos olhos, coração, mente e vísceras. Nosso objetivo é ouvir com compreensão.²⁰²

O que o conselheiro cristão faz é justamente ouvir e compreender a demanda de quem o procura, sem que as questões inerentes à fé e a vivência cristã sejam obstáculos. É necessário que o aconselhando tenha plena certeza e confiança de que alguém o ouve por completo e assim sintam-se inteiramente compreendidos e dispostos a, se necessário, redirecionar comportamentos capazes de produzir o seu mal-estar.

Um pouco diferente de Carl Rogers, mas sem perder o foco do significado de aconselhamento, Erick Erickson destaca certas características relevantes durante a sessão de aconselhamento ou atendimento psicológico. Segundo ele, o aconselhamento tem como objetivo principal promover o bem-estar do aconselhando.²⁰³ Erickson apresenta uma lista de cinco características²⁰⁴ interligadas durante o aconselhamento, das quais destacamos a que busca perceber não o grau de desconforto do aconselhando, mas os “variados objetivos e necessidades básicas do entrevistado a serem atendidos”.²⁰⁵

No aconselhamento pastoral os princípios elementares que reduzem ou mesmo extinguem o mal-estar do aconselhando são levados em consideração, visando à vida espiritual equilibrada e à maturidade emocional que permita ao necessitado saber lidar com limitações e deficiências. O aconselhando, com uma demanda de vida capaz de sugerir a fragmentação entre o espiritual e o físico, deve perceber na fala do conselheiro que a verdadeira espiritualidade reflete-se na prática cristã cotidiana, constituindo um todo compartimentado somente para fins didáticos, e nada mais.

²⁰² BENJAMIN, ALFRED. **A entrevista de ajuda**. São Paulo, Martins Fontes, 1978, p. 68.

²⁰³ SCHEEFFER, 1973, p. 14.

²⁰⁴ SCHEEFFER, 1973, pp. 13-14

²⁰⁵ SCHEEFFER, 1973, p. 14.

3.8.2

O método da catarse no aconselhamento pastoral

Dentre os métodos estudados por Scheeffler, o da catarse²⁰⁶ tem, de certa forma, um estreito relacionamento com a Igreja. Segundo a autora, a catarse foi um método “baseado na confissão, usada durante muitos séculos pela Igreja Católica”.²⁰⁷ É relevante notar que mesmo nos estudos de aconselhamento psicológico a Igreja se apresenta como método também relevante de análise, o que não quer dizer, no entanto, que as manifestações da fé estejam patentes aos olhos das terapias psicológicas, embora a própria Scheeffler acrescente que a catarse “consiste na expressão dos problemas apresentados a uma pessoa que proporciona uma orientação”.²⁰⁸

Na psicanálise, a autora reconhece que a catarse

foi trazida à terapêutica por Freud. É empregada em Psicanálise de maneira sistemática e profunda com o objetivo de libertar o indivíduo de recalques, angústias etc. Aplicada de maneira contínua pode mobilizar o inconsciente, resultando um melhor ajustamento.²⁰⁹

Inferimos, então, que os aspectos aparentemente concorrentes e antagônicos entre aconselhamento psicológico, psicanálise e aconselhamento pastoral na verdade se integram na busca de um mesmo objetivo básico, o de promover o bem-estar do necessitado que procura pela audição pastoral ou psicológica a qualidade de vida que lhe permita lidar com as vicissitudes do cotidiano. Os métodos podem variar, mas não se excluem. Ao contrário, devem ser analisados para impedir, como já dissemos, a inviabilização da cura psíquica pela inflexibilidade de métodos. Entender tal princípio é estar aberto para um diálogo que não defenda opiniões egoístas, que no anseio da absolutização, releguem a segundo plano quem mais precisa de socorro. A fogueira das vaidades ainda continua fazendo discípulos, e em se tratando de saúde mental, até as mais simples vaidades podem revelar patologias inconscientes.

²⁰⁶ De acordo com Aristóteles, na “Poética”, catarse é o sentimento de terror e piedade que a tragédia (gênero poético) deve provocar nos expectadores, quando o herói, ou seja, o herói trágico, passa da ventura para a desventura por ter cometido algum “ato falho”. A catarse, então, seria a purificação dessas emoções. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/definiçãool>>. Acesso em: 31 dez. 2009.

²⁰⁷ SCHEEFFLER, 1973, p. 22.

²⁰⁸ SCHEEFFLER, 1973, p. 22.

²⁰⁹ SCHEEFFLER, 1973, p. 22.

3.8.3

O método eclético de aconselhar. Exemplo nos evangelhos

O método de aconselhamento psicológico que nos parece o mais flexível e criativo é o eclético. Scheefffer assim o descreve:

Caracteriza-se pela aplicação de conceitos e técnicas pertencentes aos diversos métodos já focalizados. Consiste no aproveitamento das técnicas consideradas pelo orientador como mais satisfatórias e eficientes para a situação apresentada pelo cliente. Assim, técnicas diretivas, não diretivas, interpretativas, catárticas, suportativas e sugestivas podem ser usadas, simultaneamente ou não, de acordo com a natureza do problema e as necessidades do orientando. Grande ênfase é dada à habilidade do orientador de selecionar, manejar e aplicar as várias técnicas relacionando-as adequadamente às exigências da situação apresentada pelo orientando.²¹⁰

Não são poucos os exemplos encontrados nos evangelhos, especialmente no de Marcos, em que a criatividade de Jesus sugere o uso dos mais diferentes recursos para atender àqueles que o procuram, carentes de algo físico, mental ou espiritual. Os diferentes tipos de angustiados encontrados na narrativa do Novo Testamento (paralíticos, cegos, leprosos, atormentados da alma, oprimidos moral e fisicamente etc.) são nitidamente tratados por Jesus das mais variadas maneiras. Em momento algum se percebe fastio nas ações expressivas do Senhor sobre o Reino de Deus. Cada ato do Mestre apresentava um selo, uma marca de criatividade, que não supunha a cristalização do método como didática monolítica. Ao contrário, o Mestre sempre foi criativo para curar, operar maravilhas, ouvir ricos e pobres, sem perder a postura eclética de relacionamento.

O Cristo soluciona especificamente cada problema, ora sugerindo um comportamento gerador de esperança, ora dispondo-se ele mesmo a acatar a percepção do necessitado a respeito do caminho para sua demanda (cura do servo do centurião encontrado em Lucas 7:2 em diante). O método eclético é o que mais se assemelha aos exemplos da atuação terapêutica de Jesus frente às enfermidades encontradas em sua época.

²¹⁰ SCHEEFFFER, 1973, p. 26.

CONCLUSÃO

Estamos convencidos de que a psicanálise pode se tornar uma aliada do conselheiro cristão, já que nos exemplos de Pfister, no passado, e de Morano, no presente, dois conselheiros cristãos atuantes que utilizam a psicanálise como mais um método terapêutico, percebemos que em nenhum momento eles se deixaram iludir pelo que poderia ser prejudicial à fé cristã. Com muita sabedoria, eles legaram exemplos de maturidade na audição e na fala na sessão de aconselhamento pastoral, não sendo, por um lado, alheios à psicanálise, nem por outro, reféns freudianos. Esses estudiosos nos chamaram a atenção para os benefícios da psicanálise, especialmente no que tange à fé cristã, assim como a sua manifestação no cotidiano de quem crê no Evangelho de Jesus.

A modernidade contemporânea continua produzindo um vazio existencial com múltiplas manifestações, o que torna o aconselhamento um instrumento terapêutico de grande valor, muito procurado por quem crê no Senhor e por quem não professa nenhum tipo de crença, o que só demonstra que o aconselhamento sempre foi parte importante na vida do homem, mas só agora começa a ser reconhecido como tal.

Outro grande desafio do conselheiro cristão na modernidade é não temer nenhum método terapêutico de aconselhamento, o que poderia comprometer ou limitar o seu desempenho como conselheiro, mas tampouco ser imprudente no uso de técnicas que não conhece profundamente, atitude desastrosa para quem vê no aconselhamento a esperança de uma qualidade de vida espiritual e física equilibrada.

Por fim, não pretendemos em momento algum esgotar assunto tão polêmico e delicado, como é a psicanálise. Antes buscamos impedir que o medo de novas descobertas científicas, especialmente no que diz respeito às ciências psicológicas, torne-se mais uma fobia a ser tratada no gabinete pastoral.

O desafio do aconselhamento pastoral competente torna-se objeto de análise a ser revisto e melhorado a cada dia com o fim último de que na relação entre conselheiro e aconselhando a graça e o amor de Cristo continuem sendo os pilares da dignidade do ser humano, capazes de torná-lo emocionalmente maduro para vencer os novos desafios que se mostrarão presentes para quem busca uma religiosidade cristã equilibrada, capaz de fazer diferença neste novo século.

A psicanálise e o aconselhamento pastoral serão excludentes no que diz respeito à fé, mas ao mesmo tempo inclusivos na observação de aspectos da saúde psíquica e espiritual do aconselhando. Com a psicanálise, o conselheiro poderá aprofundar-se no que o inconsciente traz à luz no gabinete pastoral, e de posse daquilo que ouviu, encaminhará o aconselhando a uma experiência cristã equilibrada e madura, característica de uma vida mental, física e espiritualmente sadia, capaz de promover o amor e a graça de Deus.

O conselheiro cristão deve ser liberto do duplo jugo das teorias e do medo de novas descobertas das ciências psicológicas. Ele deve ser o primeiro a se abrir para o diálogo, para rever conceitos que já não fazem sentido na pós-modernidade, a qual também não conseguiu tornar o homem mais humano, feliz e seguro de si. São tantas as oportunidades, as escolhas e as chances de se perceber que o homem perdeu-se e sente-se só de si mesmo. Em mais esse desafio para o conselheiro e para a psicanálise, espere-se que o ser chamado humano se entenda e se perceba como indivíduo capaz de identificar a si mesmo e ao outro, e assim promover mais vida do que armas de guerra, mais alimento do que desperdício, mais amor do que ódio.

Contudo, muito há de ser feito contra dogmas e mitos que situem a psicanálise como meio de conhecimento à parte das outras ciências humanas e psicológicas, e especialmente teológicas. É preciso buscar suas fronteiras e não as dispor num campo de batalha onde os conceitos, normas e regras assumam a função de armas, perdendo-se de vista que o homem é feito da própria terra e que nada substitui o amor como forma terapêutica de maior resultado. A mente será ainda, por muito tempo, uma fronteira a ser superada, mas o poder construtivo do amor nunca foi superado por nenhuma forma de pensamento ou vivência, pois o amor, para além de afeto, é ação, e o aconselhamento ou terapia que não tenha como premissa maior o amor perpetuará e agravará a doença mais terrível criada pelo homem, a indiferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia Anotada, The Ryrie Study Bible. Tradução de Carlos Oswaldo C. Pinto. Versão Almeida. Ed. rev. e atual. São Paulo: Mundo Cristão, 1976.

Bíblia sagrada nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000.

ALETTI, Mário. **Psicologia: teoria e pesquisa.** Brasília, 2008.

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção.** Campinas: Papyrus, 1997.

AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de. **A liberdade cristã em Calvino – uma resposta ao mundo contemporâneo.** Santo André. SP: Academia Cristã, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar; 1998.

BENJAMIN, Alfred. **A entrevista de ajuda.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência – o ser humano como um projeto infinito.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BROWNING, Don S. **Generative man: psychoanalytic perspectives.** New York: A Delta Book, 1975.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral – modelo centrado em libertação e crescimento.** São Leopoldo – RS: Sinodal, 2000.

FOCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. **Vários significados do inconsciente.** In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. Edições Eletrônicas 2.0 Vol.XIV.

_____. **A psicologia dos processos oníricos.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. V, capítulo VII.

_____. **O inconsciente. Justificação do conceito de inconsciente.** In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. Edição Eletrônica 2.1 vol. XIV.

_____. **Moisés e o monoteísmo.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FROMM, Erich. **A arte de amar.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus – contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina.** São Leopoldo: Sinodal, 2001.

- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 199, p.106.
- GRENZ, Stanley J. **Pós-modernidade – guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1999.
- HIGUET, Etienne A. (Org.). **Teologia e modernidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- HOCH, Lothar Carlos; Heimann, Thomas (Orgs). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade: anais do Vi Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral**. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2008.
- HOUAISS. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0**
- JOSAPHAT, Frei Carlos. **Falar de Deus e com Deus – caminhos e descaminhos das religiões hoje**. São Paulo: Paulus, 2004.
- JUNG, G. **Presente e futuro**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KALU, Singh. **Conceitos da psicanálise. Culpa**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ediouro. São Paulo: Segmento Duetto, 2005.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LIBANIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MIJOLLA, Alcain de. **Dicionário internacional da psicanálise. Conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SIMÕES Vinícius. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/038/38csimoes.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2010
- MORANO, Carlos Domínguez. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola, 2003.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte**. São Paulo: Paulus, 2003.
- RANK, Otto. **A personalidade e o ideal**. Rio de Janeiro: EMIEL Editora, 1940.
- RIZZUTO, Ana-Maria. **Por que Freud rejeitou Deus? Uma interpretação psicodinâmica**. Tradução Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico.** São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

RUBIO, Afonso Garcia. **Superação do infantilismo religioso.** Atualidade Teológica. Rio de Janeiro, ano VI, n. 12, p. 307, 2002.

SCHEEFFER, Ruth. **Aconselhamento psicológico.** Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A, 4 ed. 1973.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina.** 2 ed. São Leopoldo: Sinodal – Aste, 2005.

SIMÕES, Vinícius. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/038/38csimoes.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2010

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura.** 18 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VIGOSTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOLFF, Hanna. **Jesus psicoterapeuta.** São Paulo: Paulinas, 1990.

YOUNES, Nathalia. **O que é comunicação de massa?** Disponível em:
<<http://www.jornaldedebates.ig.com.br/debate/midia-toma-partido-ou-cumpre-seu-papel/artigo/que-comunicacao-massa>> Acesso em: 14 jan. 2008.

Disponível em :
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunica%C3%A7%C3%A3o_de_massa&oldid=5794777>

Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neuroteologia>> Acesso em: 04 Fev. 2010

Disponível em: <<http://pt.conscienciopedia.org/Autofobia>> Acesso em: 08 jan. 2008

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_Massa> Acesso em: 14 jan. 2008.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-profunda/>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

Disponível em: <<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/freud.html>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

Disponível em: <<http://pt.conscienciopedia.org/autofobia>>. Acesso em: 08 Jan.2008. > Acesso em 14 jan. 2008.

Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/definiçãool>>. Acesso em: 31 dez. 2009.

Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/4.26.3.1.htm>> Acesso em: 05 fev. 2010.

Disponível em:
<<http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=metapsicologia:>> Acesso em: 06 fev. 2010.

Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/psychology/1618571-parapraxias-atos-falhos-confer%C3%A0ncia-ii>> Acesso em: 09 fev. 2010.